



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

JOÃO MATHEUS LEITÃO RODRIGUES

**AS RELAÇÕES ENTRE ARGÉLIA E FRANÇA: REFLEXOS DA IMIGRAÇÃO E DO
PÓS-COLONIALISMO NO GOVERNO DE EMMANUEL MACRON (2017-2023)**

JOÃO PESSOA

2023

JOÃO MATHEUS LEITÃO RODRIGUES

**AS RELAÇÕES ENTRE ARGÉLIA E FRANÇA: REFLEXOS DA IMIGRAÇÃO E DO
PÓS-COLONIALISMO NO GOVERNO DE EMMANUEL MACRON (2017-2023)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
bacharel em Relações Internacionais pela na
Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Profa. Me. Mojana Vargas

JOÃO PESSOA
2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

R696r Rodrigues, Joao Matheus Leitao.

As relações entre Argélia e França: reflexos da imigração e do pós-colonialismo no governo de Emmanuel Macron (2017-2023). / Joao Matheus Leitao Rodrigues. - João Pessoa, 2023.

48 f. : il.

Orientação: Mojana Vargas Correia Da Silva.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Pós-Colonialismo - Argélia - França. 2. Imigração. 3. Macron. 4. Relações políticas. I. Vargas Correia Da Silva, Mojana. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 327

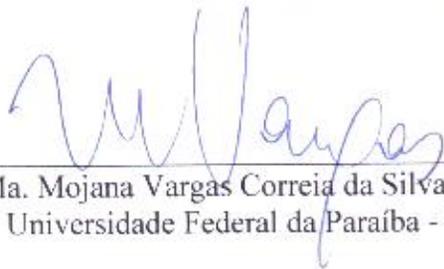
JOÃO MATHEUS LEITAO RODRIGUES

**AS RELAÇÕES ENTRE ARGÉLIA E FRANÇA: REFLEXOS DA IMIGRAÇÃO E DO
PÓS-COLONIALISMO NO GOVERNO DE EMMANUEL MACRON (2017-2023)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel (a) em Relações Internacionais.

Aprovado(a) em, 09 de junho de 2023

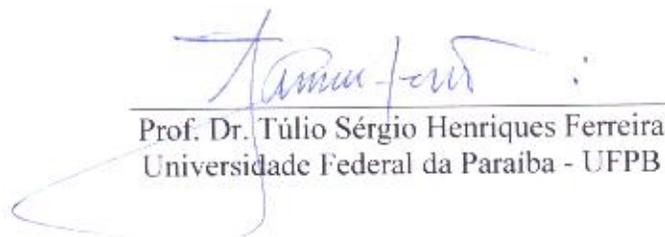
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ma. Mojana Vargas Correia da Silva – (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Prof. Dra. Xaman Korai Pinheiro Minillo
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Prof. Dr. Túlio Sérgio Henriques Ferreira
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Agradecimentos

À minha família, especialmente os meus pais, Francílio e Célia, pelo constante apoio e incentivo aos meus estudos desde sempre.

Aos amigos, colegas de curso e professores de João Pessoa, por terem tornado a aventura de morar longe de casa menos difícil.

À Maria Clara, pela paciência em ouvir as lamentações sobre este trabalho e por todo o apoio e conselhos dados.

RESUMO

A seguinte pesquisa aborda o aumento da imigração argelina no contexto atual da França, marcado por um cenário interno conturbado decorrente de um crescimento da extrema direita e de discursos xenófobos e islamofóbicos. Em meio a essas condições, observa-se uma relação conturbada com a Argélia, ex-colônia francesa, país que possui um forte fluxo migratório para a França desde a sua independência em 1962. O trabalho possui o objetivo de analisar as reverberações dessa imigração nas relações políticas entre França e Argélia durante o governo do presidente francês Emmanuel Macron. Para a construção metodológica da pesquisa, analisou-se o pós colonialismo francês situado no contexto franco-argelino. Usou-se como fonte de estudo bibliografia que versa sobre o tema, especialmente o livro “La Fracture Coloniale” organizado por Pascal Blanchard, Nicolas Bance e Sandrine Lemaine, notícias jornalísticas da mídia francesa e argelina, os discursos e declarações do presidente Macron e de outras autoridades, bem como documentos oficiais do governo francês. Os resultados da pesquisa apontam para o surgimento de uma nova abordagem do atual governo francês para com a Argélia, marcada pelo empenho na tentativa de resolução de questões memoriais ligadas a colonização, além de um posicionamento do atual presidente francês por uma imigração mais seletiva advinda da Argélia para a França.

Palavras-Chave: Argélia, França, Imigração, Pós-Colonialismo, Macron

ABSTRACT

The following research addresses the increase in Algerian immigration in the current context of France, marked by a troubled internal scenario resulting from the growth of the extreme right and xenophobic and islamophobic discourses. In the midst of these conditions, there is a troubled relationship with Algeria, a former French colony, a country that has a strong migratory flow to France since its independence in 1962. The aim of this work is to analyze the reverberations of this immigration in the political relations between France and Algeria during the government of French President Emmanuel Macron. As a research methodology, the French post-colonialism situated in the Franco-Algerian context was analyzed. Bibliography on the subject was used as a source of study, especially the book “La Fracture Coloniale” organized by Pascal Blanchard, Nicolas Bance and Sandrine Lemaine, journalistic news from the French and Algerian media, speeches and statements by President Macron and other authorities, as well as official French government documents. The results of the research point to the emergence of a new approach of the current French government towards Algeria, marked by the commitment in the attempt to resolve memorial issues linked to colonization, in addition to a position of the current French president for a more selective immigration arising from Algeria to France.

Keywords: Algeria, France, Immigration, Postcolonialism, Macron

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Nuvem de palavras do discurso do dia 29 de agosto de 2017.....	27
Figura 2 – Nuvem de palavras do discurso do dia 25 de agosto de 2022.....	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1. METODOLOGIA	8
2 PÓS COLONIALISMO E O CONTEXTO FRANCÊS	10
2.1 ARGÉLIA E A DOMINAÇÃO FRANCESA.....	10
2.2 CONSEQUÊNCIAS DO COLONIALISMO	11
2.3 A ‘FRANÇAFRIQUE’	16
3 MIGRAÇÃO E ISLAMOFOBIA NA FRANÇA.....	19
3.1 RETROSPECTO DA MIGRAÇÃO ARGELINA	19
3.2 ISLAMOFOBIA NO MUNDO E NA FRANÇA.....	21
3.3 O GOVERNO EMMANUEL MACRON	25
4 A POLÍTICA EXTERNA FRANCESA E A ARGÉLIA DURANTE O GOVERNO EMMANUEL MACRON.....	27
CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

Durante o governo do presidente francês Emmanuel Macron, é possível observar um estremecimento diplomático entre a França e a Argélia, ex-colônia francesa, como também movimentos de aproximação. Essa volatilidade existente na diplomacia dos dois países representa a complexidade da relação que há entre eles, fruto da história compartilhada que possuem, principalmente os anos de colonização e a guerra de independência da Argélia.

O cenário das relações históricas desses dois países é repleto de ressentimentos e ressalvas ao passado, principalmente, vindas do país africano e da sua população. A Argélia, ainda no século XIX, foi invadida e dominada pelos franceses que, em busca de manter o domínio do território, utilizaram diversas táticas de assimilação cultural. Era comum a imposição da cultura e do idioma francês, bem como o uso da violência como ferramenta de intimidação. Aos olhos franceses, o território argelino era visto como extensão do seu. Tal percepção criou resistência por parte do governo francês em aceitar a independência do país, o que levou a uma guerra que teve fim em 1962 e foi marcada pela violência dos colonizadores.

Diante do cenário pós independência, observa-se que muitos países colonialistas conseguiram desenvolver e manter suas respectivas economias e indústrias, à medida que os países que foram colônia, localizados principalmente no “Sul Global”, foram impedidos de se industrializar. Muito se tem avançado na literatura que versa sobre como os países imperialistas conseguiram se beneficiar desses laços coloniais, sobretudo a França. Além disso, é possível perceber, atualmente, um aumento nos fluxos migratórios da África para a França, muitas vezes motivados por fatores econômicos. No entanto, as implicações desses fluxos na política externa e doméstica da França, bem como da sua principal ex-colônia argelina, ainda não se encontram bem definidas.

No caso francês, a questão da imigração é parte do debate público há um bom tempo, sendo abordada por diferentes setores da sociedade, além de estar relacionada com a islamofobia. A extrema direita francesa vem ganhando cada vez mais espaço na política do país, ao utilizar um discurso fortemente contrário à imigração e islamofóbico, atribuindo aos imigrantes as mazelas que atingem o país e denunciando uma “guerra cultural” com pessoas islâmicas. Contudo, vale ressaltar que discursos anti-imigração não são restritos apenas à extrema direita, mas estão presentes em diferentes linhas ideológicas e partidárias.

Apesar da pauta migratória possuir mais identificação com a extrema direita, que ainda não conseguiu se eleger à presidência, existem evidências de uma influência desse debate em diferentes governos. Esta pesquisa tem como objetivo analisar as reverberações da imigração,

principalmente árabe e argelina, além de aspectos como a islamofobia nas relações entre França e Argélia durante o governo de Emmanuel Macron.

Com o intuito de atingir esse objetivo, serão revisados inicialmente os conceitos e as ideias presentes da obra “La Fracture Coloniale” (2005), que aborda a França pós-colonial nos dias atuais e a sua forma de lidar com o passado, para que então seja possível analisar a política do governo Macron e a relação bilateral dos dois países nesse período. Serão analisados os discursos presidenciais, as declarações públicas e as entrevistas a veículos de imprensa, além de matérias jornalísticas sobre o período, com base nos conceitos abordados no primeiro e segundo capítulo desse trabalho.

1.1. METODOLOGIA

O presente trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa, tendo como uma das principais referências os artigos publicados na obra “La Fracture Coloniale” (2005), especificamente os de Michel Wieviorka, Olivier Le Cour Grandmaison e François Gèze. Esse compilado, organizado por Pascal Blanchard, Nicolas Bance e Sandrine Lemaine, conta com publicações de especialistas de diversas áreas e tem como objetivo buscar responder o motivo pelo qual a França se encontrava assombrada pelo seu passado colonial, apesar do fim do império francês há um bom tempo e também apresenta uma percepção diferente da conjuntura francesa, quando comparada a outras sociedades pós-coloniais no Ocidente.

Os artigos presentes na obra buscam analisar, sob diferentes ângulos, os prolongamentos contemporâneos do passado colonial francês, como o de Wieviorka (2005) em “La République, la colonisation. Et après...”, onde o autor aborda as relações da República Francesa como Instituição e a colonização, bem como os próprios paradoxos presentes nessa relação, além das abordagens dessa mesma república em um período pós-colonial. Vale ressaltar também a contribuição de Olivier Le Cour Grandmaison (2005), com o artigo “Sur la réhabilitation du passé colonial de la France”, em que são abordadas questões que tratam do revisionismo do passado colonial francês em um período mais recente. Ademais, o artigo “L’héritage colonial au coeur de la politique étrangère française”, de François Gèze (2005), explicita a forma como a colonização se manteve a serviço de uma “grandeza da França”, mesmo em um período pós-colonial, além de apresentar as redes existentes entre política externa francesa e o passado colonial do país.

Outra referência importante para a pesquisa foi o artigo de Neil Macmaster (2003) intitulado “Islamophobia in France and the Algerian Problem”, publicado em “The new crusades: constructing the Muslim enemy”. A obra de MacMaster analisa a islamofobia na França a partir de uma perspectiva crítica ao trabalho de Samuel Huntington (1997), “Choque de Civilizações”, que avaliava as questões culturais e religiosas como as principais fontes de conflitos num mundo após a guerra fria. O autor executa isso a partir de uma perspectiva da islamofobia na França, a sua relação com o passado colonial e os imigrantes, principalmente os argelinos.

A partir dos conceitos abordados por esses autores e outros de destaque no decorrer da pesquisa, foi possível construir um arcabouço para que se pudesse realizar uma análise do governo Macron, principalmente, ao se avaliar a forma como o Estado francês se direciona à Argélia, visto a importância que o país norte-africano carrega para diferentes presidentes. Além disso, a escolha por uma análise focada no líder do país, se baseia em alguns conceitos abordados por Valerie Hudson, importante acadêmica da área de Análise de Política Externa, em seu livro “Foreign Policy Analysis: Classic and Contemporary Theory”, como as condições em que o líder pode ser levado em conta para análise de política externa, sendo determinante por exemplo o fato da figura em questão demonstrar interesse na Política Externa (HUDSON, 2014, p. 40). No caso de Macron, sem que se levante um juízo de valor sobre a efetividade e coesão da sua abordagem, é possível perceber uma dedicação reiterada do presidente com a política externa francesa, nas relações da França com as suas antigas colônias na África.

Hudson ainda aponta que uma das dificuldades de uma análise feita a partir do que é dito por figuras políticas, encontra-se no fato de que políticos mentem, às vezes por motivos justos como segurança nacional, além de frequentemente terem seus discursos escritos por terceiros e mudarem o tom de acordo com a audiência que se dirigem (HUDSON, 2014, p. 61). Para superar essas dificuldades, entrevistas espontâneas tendem a ser uma fonte preferível. (HUDSON, 2014, p. 61)

Quanto a realização de uma análise centrada no líder, Hudson indica a análise de conteúdo como uma medida a ser feita a distância. Dentre as formas de se fazer a análise de conteúdo, a autora aponta para a análise de conteúdo temática, em que deve ser desenvolvida uma categorização dos temas os quais serão investigados (HUDSON, 2014, p. 62). Como objeto de análise foram utilizados discursos presidenciais, declarações e entrevistas – quase todas do presidente francês Emmanuel Macron.

Durante a etapa de coleta de dados para a pesquisa, foram pesquisados discursos e fontes do próprio governo argelino, no entanto, pouco material foi encontrado nos sites oficiais do governo e, muitas vezes, tal material se encontrava em árabe, representando uma limitação a mais para a pesquisa. Por outro lado, os sites do governo francês disponibilizavam bastante documentos e declarações provenientes das visitas presidenciais e da própria relação bilateral entre França e Argélia.

Para uma melhor visualização dos discursos do presidente francês, foi utilizado o software Orange, com a criação de nuvens de palavras desses discursos, contendo as principais palavras abordadas nos documentos. A partir dessas palavras principais, foi possível avaliar com uma maior objetividade os principais temas abordados nesses respectivos discursos. Por fim, a pesquisa se utilizou em grande medida de literatura em francês e inglês e as traduções presentes no seguinte trabalho foram feitas pelo autor.

2 PÓS COLONIALISMO E O CONTEXTO FRANCÊS

2.1 ARGÉLIA E A DOMINAÇÃO FRANCESA

O contexto de dominação francesa na Argélia é marcado por crimes, terror e guerra. Durante esse processo, o país europeu buscou "afrancesar" o país africano em tentativas de assimilação (FREITAS, 2021), em um mecanismo de dominação da população. Porém, principalmente no pós-guerra, é iniciado um movimento de independência das colônias, cada vez mais difícil de ser contido. Para Guilherme Freitas (2021):

O clima de animosidade entre franceses, colonos e argelinos era como um barril de pólvora prestes a explodir, com cada parte buscando seus objetivos sem querer ceder ao outro lado. Pressionado, o governo francês passou a agir com maior violência e cometeu atrocidades em vilarejos e cidades no interior da Argélia. (FREITAS, 2021, p. 35)

Esse clima de animosidade chegou ao seu ápice na violenta guerra de independência argelina, em 1954, resultante principalmente do afinco que o governo francês tinha em não aceitar a independência da então colônia. O país europeu acatou um acordo, apenas em 1962, após anos sangrentos no território africano, marcados pelo terrorismo, massacres e tortura cometidos pelo exército francês.

De acordo com Ivan Hrbek (2010), o principal motivo para a rigidez francesa em não aceitar a independência da Argélia está na “obstinação dos franceses em permanecer senhores do país e pela determinação do povo argelino em conquistar a sua liberdade”. (HRBEK, 2010 p.158) Enquanto outros países do Maghreb, também já dominados pela França, tiveram suas independências não dificultadas, a Argélia enfrentou uma longa e dolorosa batalha diante da existência do dogma de uma "Argélia francesa" pela classe política do país, haja vista também a “presença de aproximadamente um milhão de colonos franceses (os assim chamados pés-pretos), em importantes investimentos franceses na agricultura e nas minas”. (HRBEK, 2010, p.158)

Além disso, ainda segundo Hrbek (2010), a descoberta de petróleo e gás natural no Saara ajudou a reforçar o mito da “Argélia francesa”, tendo em vista que o país possuía em seu território, pela primeira vez, considerável quantidade de petróleo e poderia “enfim praticar uma política petrolífera independente”. (HRBEK, 2010, p.158)

Apesar da conquista da sua independência, a Guerra da Argélia deixou um triste legado para o país recém-formado e para a humanidade como um todo, pois “estima-se que perto de 1 milhão de argelinos perderam a vida e que 2 milhões estavam desabrigados; 10.000 casas e edifícios foram destruídos durante a guerra e, posteriormente, pelo terrorismo da OAS¹”. (HRBEK, 2010, p.165)

Um dos resultados da batalha pela independência argelina consistiu no aumento dos fluxos migratórios da antiga colônia para a França, seja de antigos colonos franceses ou da população nativa. Uma consequência direta dessa migração está no fato de que a comunidade argelina consiste, atualmente, na maior comunidade estrangeira do país, e essa presença ocasionalmente ainda gera tensões com a população francesa nativa. (FREITAS, 2021)

2.2 CONSEQUÊNCIAS DO COLONIALISMO

Atualmente, é possível observar lembranças do período colonial em todo o globo. No caso da França e de suas antigas colônias não seria diferente, já que a república francesa de hoje, além de herdeira do poderio econômico do antigo império colonial francês, se depara com o fluxo intenso de populações originárias de outras regiões que foram dominadas. As ex-colônias francesas, por sua vez, encontram-se ainda com um baixo desenvolvimento econômico e social.

¹ Organisation Armée Secrète ou OAS era uma organização paramilitar clandestina francesa que se opunha à independência da Argélia.

Abdallah Zouache (2012), em seu artigo “Etat, Héritage Colonial et Strategie de Developpement en Algerie” [Estado, Herança Colonial e Estratégia de Desenvolvimento na Argélia. Tradução nossa] aponta para as congruências das escolhas pelos líderes políticos argelinos com aquilo que os próprios franceses pensavam já no fim do período colonial para o desenvolvimento da Argélia: uma rápida industrialização. (ZOUACHE, 2012, p. 16). Porém, “a estratégia de industrialização necessita da existência de uma mão de obra qualificada.”² (ZOUACHE, 2012, p.16, tradução nossa), que como apresentado no decorrer do artigo, era escassa.

Zouache (2012) também destacou os aspectos marcantes da economia argelina herdados do período colonial, os quais contrastavam com o paradigma de desenvolvimento escolhido pelo estado argelino, são eles: 1) funcionamento do país sob a égide do comércio colonial, com fracas exportações e altas importações, principalmente de produtos manufaturados; 2) uma economia rural, com a maioria da população empregada no setor agrícola; 3) uma economia segmentada em duas categorias, com o mercado de trabalho dos europeus e dos muçulmanos, sendo o segundo composto por trabalhadores precarizados; 4) fraqueza de capital humano, devido à herança de uma política escolar assimétrica, que levou a um fraco nível educacional da população muçulmana em comparação a dos europeus, com um nível educacional apenas um pouco mais fraco que os franceses da metrópole. (ZOUACHE, 2012)

Em meio a esses desafios enfrentados pelo estado argelino, a população passou a imigrar para a Europa em busca de condições melhores de vida. Um resultado disso é que a França pós-colonial atualmente tem um grande contingente populacional imigrante, de primeira ou segunda geração, mas que é impedida de se integrar à população francesa de fato, tornando-se marginal e vítima de diversas mazelas sociais, como aponta Michel Wieviorka (2005):

As populações oriundas da imigração norte-africana (mas não apenas essas) ocupam um lugar central nestes dois fenômenos. Elas se encontram, mais do que outras, vítimas do desemprego, sujeitas ao racismo, guetificadas em subúrbios logo desqualificados e muitas vezes reduzidos na mídia a uma imagem de insegurança, violência urbana e delinquência.³ (WIEVIORKA, 2005, p.122)

Apesar da exclusão sofrida por parte dessa população pelo cerne geral da sociedade e do estado francês, Wieviorka (2005) ainda destaca que os muçulmanos da França estão mais ligados aos valores republicanos, ou seja, estão buscando uma integração ao Estado, mas

² “la stratégie d’industrialisation nécessite l’existence d’une main-d’œuvre qualifiée”

³ “Les populations issues de l’immigration maghrébine (mais pas seulement) occupent une place centrale dans ces deux phénomènes. Elles se retrouvent, plus que d’autres, victimes du chômage, soumises au racisme, ghettoïsés dans des banlieues qui sont alors disqualifiées et réduites souvent dans les médias aux images de l’insécurité, de la violence urbaine et de délinquance.”

preservando a sua cultura e religião. Apesar dessa tentativa, são percebidos constantemente como uma ameaça à nação ou até mesmo, em uma abordagem mais preconceituosa, como culpados pelos problemas que o país enfrenta, tais como o desemprego, criminalidade (MINISTRO, 2012) e terrorismo (EXTREMA, 2015).

Recentemente, com uma nova ascensão da extrema direita no mundo todo e a popularização das redes sociais, essas ideias de choque de civilizações acabaram ganhando mais destaque, conquistando espaço em discursos políticos. Em algumas situações, líderes e simpatizantes referem-se a um conflito civilizacional (PROVOST, 2015) entre o Ocidente e o Oriente e a batalha de Poitiers em 732 d.C, em que Charles Martel freou o avanço árabe para o norte da Europa. Nesse cenário, a batalha medieval é revisitada. (WIEVIORKA, 2005)

Apesar das graves consequências do colonialismo francês para os países e populações antes colonizadas, a França pouco reconhece as consequências que o passado colonial trouxe para os dias de hoje, fato que poderia se justificar por ser um dos países que mais se beneficiou desse processo exploratório. Sendo assim, algo ainda mais grave chega a ocorrer: a tentativa de líderes políticos de reescreverem a história, com uma super valorização da presença francesa na África e, em especial, na Argélia.

Em um discurso de Jacques Chirac, um dos presidentes franceses mais emblemáticos da história e que governou o país de 1995 a 2007, ele demonstra traços claros dessa supervalorização da presença francesa no continente africano. Seu discurso busca descrever uma grande “epopeia civilizatória” francesa em cima do sangrento passado de colonização:

Pacificação, valorização dos territórios, difusão do ensino, fundação da medicina moderna, criação de instituições administrativas e jurídicas, são os vestígios desta obra inegável para a qual contribuiu a presença francesa [...] Também, mais de trinta anos depois o retorno à França desses franceses [da Argélia], cabe lembrar a importância e a riqueza do trabalho que a França ali realizou e do qual se orgulha. ⁴ (CHIRAC *apud* GRANDMAISON, 2005, p. 128, tradução nossa)

As palavras do ex-presidente sugerem que houve uma missão francesa nesses países, no caso específico da Argélia. O discurso ainda busca glorificar os franceses que desembarcaram no território africano à procura de construir uma “sociedade” e “instituições”, levando-se em conta que anteriormente à sua chegada, a região não teria tal organização, era “bárbara”, conforme sua concepção.

⁴ “Pacification, mise en valeur des territoires, diffusion de l’enseignement, fondation d’une médecine moderne, créations d’institutions administratives et juridiques, voilà autant de traces de cette œuvre incontestable à laquelle la présence française a contribué[...] Aussi, plus de trente ans après le retour en métropole de ces Français[d’Algérie], il convient de rappeler l’importance et la richesse de l’oeuvre que la France a accomplie là-bas et dont elle est fière.”

Além desse discurso do presidente Chirac, proferido em 11 de novembro de 1996, o autor Olivier Le Cour Grandmaison (2005) traz outro episódio recente da história política francesa que envolve essa tentativa de reescritura do passado colonial. Trata-se de uma lei que buscava inserir nos programas escolares o papel positivo da presença francesa no além-mar:

Os programas escolares reconhecem em particular o papel positivo da presença francesa além-mar, notadamente no Norte da África, e reconhecem a história e aos sacrifícios dos combatentes do exército francês desses territórios o lugar eminente que eles possuem direito. Artigo 4 da lei de 23 de fevereiro de 2005.⁵ (GRANDMAISON, 2005, p.131, tradução nossa)

De acordo com Grandmaison (2005), o texto da lei tinha o claro intuito de minimizar as ações criminosas que França cometeu no seu processo de colonização, reduzindo o período de dominação apenas à conquista colonial no século 19 e à guerra de independência no século 20, seguida dos acordos de Evian. Entre esses dois eventos, o estado francês teria aportado a sua cultura, instituições e até mesmo parte da sua população no território argelino, como algo engrandecedor para a região.

Sendo assim, no entendimento político francês da época, a França e o seu passado colonial mereceriam ser reconhecidos então não pela exploração, subjugação e extermínio da população nativa da região, mas sim pela obra positiva, com a propagação de conhecimentos, instituições e cultura, ou seja, pela sua missão civilizatória. No entanto, o projeto de lei não chegou a ser votado, em parte pela polêmica que gerou.

Ainda em consonância com o projeto de lei descrito anteriormente e o pensamento de autoridades públicas sobre a colonização francesa, o autor Grandmaison (2005) traz a construção de um “Memorial da França Ultramar”, no ano de 2006, que seria edificado em Marselha com a função de “apresentar de forma definitiva a realidade das ações dos franceses fora da metrópole”⁶ (GRANDMAISON, 2005, p.131, tradução nossa), segundo declaração a Assembleia Nacional do ministro Hamlaoui Mekachera. Contudo, o projeto acabou sendo abandonado, ainda em 2006, sem previsão de ser retomado. (SIMONET, 2007)

Apesar de tais iniciativas de reescrever oficialmente a história colonial não terem tido sucesso, os ideais nos quais se baseiam e se mantêm vivos na administração pública do país, bem como da população em geral, até os dias atuais. Olivier Le Cour Grandmaison (2005) resume esse processo de reescrita da história: “Extraordinária capacidade de alguns escritos se reciclarem sem parar, na sua integração ao gesto supostamente grandioso de uma França forte,

⁵ “Les programmes scolaires reconnaissent en particulier le rôle positif de la présence française outre-mer, notamment en Afrique du Nord, et accordent à l’histoire et aux sacrifices des combattants de l’armée française issus de ces territoires la place éminente à laquelle ils ont droit. Article 4 de la loi du 23 février 2005.”

⁶ “de manière permanente la réalité de la présence et de l’action des Français hors de métropole”

conquistadora e generosa, um passado feito de crimes de guerra, espoliações, massacres e deportações”.⁷ (GRANDMAISON, 2005, p.135, tradução nossa)

Contudo, a França já havia tentado reescrever a história anteriormente, como aponta François Gèze (2005) com as observações do historiador Benjamin Stora. Nos anos 60, inicia um movimento museográfico que resgata as lembranças da primeira e da segunda guerra mundial, em uma tentativa de recriar a história oficial, como se o período da segunda guerra mundial tivesse sido o verdadeiro fundador da vida política do país:

A celebração de uma história franco-francesa, revisitada ao serviço da reconciliação franco-alemã, servirá para enterrar a memória muito fresca dos atrozos ‘anos argelinos’ da guerra de independência travada na mais antiga colônia francesa. E também -poucos sabiam disso a época - toda a memória da colonização, na Argélia e em outros lugares. A justificativa pela ‘missão civilizadora’ tornar-se-á então ainda mais necessária para ocultar as atrocidades que estão na base da constituição do Império, a começar pela dimensão genocida da primeira guerra na Argélia.⁸ (GÈZE, 2005, p.71, tradução nossa)

Já no que se diz respeito à Argélia, a guerra de independência não marcou de fato uma ruptura severa com a sua ex-metrópole. O território argelino ainda servia para o aumento de poder da França, que, entre 1960 e 1967, testou a ‘bomba A’ e armas químicas nas bases francesas do Sahara com o conhecimento do presidente Ben Bella e de seu sucessor, Houari Boumedienne (GÈZE, 2005). A manutenção dessas bases e os testes nucleares estavam inseridos nos Acordos de Evian (IL Y A 60 ANS, 2020), que selaram a paz.

François Gèze (2005) aponta uma maior aproximação da Argélia ao eixo de influência francês e ocidental a partir da morte do general Boumedienne, em 1978, após os anos presididos pelo governante, com uma política de não alinhamento com os EUA ou a URSS, durante a guerra fria. A partir desse ponto, vários oficiais do exército passaram a conquistar o poder e a formar alianças com políticos franceses. Essa relação foi intitulada de “Françalgérie”. (GÈZE, 2005) De acordo com o mesmo autor:

Graças à quase simbiose entre a DST⁹ francesa e a Segurança Militar argelina (os serviços secretos do exército, no centro do poder desde a independência), graças também às comissões cobradas nas trocas comerciais entre os dois países para

⁷ “Extraordinaire capacité de certains écrit à recycler sans fin, par son intégration à la geste réputée grandiose d’une France forte, conquérante et généreuse, un passé fait de crimes de guerres, de spoliations, de massacres et de déportations.”

⁸ “La célébration d’une histoire franco-française, revisitée au service de la réconciliation franco-allemande, va servir à enfouir le souvenir tout frais des atroces ‘années algériennes’ de la guerre d’indépendance menée dans la plus ancienne colonie française. Et aussi- bien peu en sont conscients à l’époque- toute la mémoire de la colonisation, en Algérie et ailleurs. La justification par la "mission civilisatrice" deviendra alors d’autant plus nécessaire pour occulter les atrocités que sont au fondement de la constitution de l’Empire, à commencer par la dimension génocidaire de la première guerre d’Algerie.”

⁹ Direction de la surveillance du territoire: Direção da vigilância do território (DST)

abastecer os cofres eleitorais dos partidos franceses, os generais argelinos também se tornariam atores ocultos na política externa francesa, colocando à disposição de Paris suas poderosas redes no mundo árabe e nas instituições internacionais.¹⁰ (GÈZE, 2005, p.176, tradução nossa)

Ou seja, a parceria firmada com os novos dirigentes do país servia não apenas nas relações entre França e Argélia, mas também como uma ponte com o mundo árabe, sendo um efetivo mecanismo de política externa do país. Esse mecanismo desenvolvido é o que vai justificar o apoio francês a esses mesmos generais ao iniciarem uma guerra civil contra a população argelina, que chegou a um número de 200.000 mortos. (GÈZE, 2005)

Por fim, François Géze (2005) aponta que parte do poder da França ainda vem do monopólio que ela possui na gestão das suas ex-colônias africanas do Magreb e da África subsaariana, pelo menos na visão de outros países da União Europeia e G8. Ou seja, o país ainda se utiliza desses laços coloniais, em espaços democráticos, como fonte de poder e relevância em busca de destaque.

2.3 A ‘FRANÇAFRIQUE’

De acordo com Korkmaz (2019), a expressão ‘Françafrique’ foi cunhada pelo primeiro presidente da Costa do Marfim (ex-colônia francesa), como uma definição do desejo de membros da elite africana de manterem relações especiais com a França mesmo após a independência. O termo teria passado a ser utilizado posteriormente de maneira pejorativa, como uma alusão ao neocolonialismo francês.

Essa expressão exemplifica o poder e as vantagens que a França conseguiu manter sobre suas colônias mesmo após perdê-las, o que deu continuidade à dominação e a uma espécie de sabotagem, dificultando, assim, que esses países que já enfrentavam diversos problemas provenientes dos seus processos emancipatórios, prosperassem. Korkmaz (2019) aponta que para declarar a independência desses países oficialmente, eram negociados acordos com as elites políticas locais que buscavam perpetuar a dominação e promoção dos interesses franceses:

Da mesma forma, esses acordos impuseram o francês como língua oficial dos novos territórios e exigiram que as colônias mantivessem o franco CFA como moeda nacional. Além disso, davam à França acesso privilegiado às matérias-primas e mercados de suas ex-colônias. Os acordos de cooperação econômica mantiveram as

¹⁰ “Grâce á la quasi-symbiose entre la DST française et la Sécurité militaire algérienne(les services secrets de l’armée, au coeur du pouvoir depuis l’indépendance), grâce également aux commissions prélevées sur les échanges commerciaux entre les deux pays pour alimenter les caisses électorales des partis français, les généraux algériens vont eux aussi devenir des acteurs occultes de la politique étrangère française, mettant à la disposition de Paris leurs puissants réseaux dans le monde arabe et dans les institution internationales.”

preferências comerciais entre a França e os novos Estados independentes. Em troca, a França tinha de garantir a segurança nacional e fornecer um fluxo constante de ajuda. Em outras palavras, tinha que proteger suas ex-colônias, fornecer-lhes assistência militar e ajudá-las a se desenvolver por meio de assistência econômica.¹¹ (KORKMAZ, 2019, s.p, tradução nossa)

Ainda quanto à definição da expressão “Françafrique”, Olivier Blamangin (2019) aponta que a palavra remete a mais de um significado, e chega a ser utilizada por muitos jornalistas como redes ocultas ou mesmo espionagem. Contudo, o autor define como a intervenção direta e indireta do país europeu nas suas antigas colônias, de maneira a manterem-nas na sua área de influência. Pra isso, golpes de estados foram orquestrados, presidentes depostos, guerras fomentadas, assassinatos cometidos e presenças de tropas para garantir a segurança.

À frente dessa engrenagem de dominação do estado francês estava Jacques Foccart, homem de confiança do general Charles de Gaulle, que trabalhou na sede do governo de 1960 a 1974 e, posteriormente, como assessor de Jacques Chirac para assuntos africanos. (BLAMANGIN, 2019)

Atualmente, o termo Françafrique continua a ser utilizado pejorativamente e é frequentemente evitado e rechaçado pelas autoridades, como os dois últimos presidentes franceses. Em 2012, o presidente François Hollande, ao falar na tribuna do parlamento senegalês, proclamou o fim do Françafrique (HOLLANDE, 2010) e o surgimento de uma nova relação mais sincera da França com o continente africano.

Recentemente, o seu sucessor declarou novamente o fim dessa relação desigual. Em março de 2023, quando visitava vários países africanos, Emmanuel Macron afirmou que “o tempo do Françafrique está encerrado”¹². (MACRON, 2023, s.p, tradução nossa) No entanto, o país europeu ainda mantém uma forte presença militar na região e tutela monetariamente muitos países com o franco CFA, o que leva a crer que essa relação de dominação ainda tende a se manter. (BLAMANGIN, 2019)

Ainda de acordo com Olivier Blamangin (2019), várias firmas ainda se beneficiam da colonização com posições estratégicas na onda de privatizações dos anos 90 e 2000, além da utilização da rede de influência gerada pela diplomacia francesa:

¹¹ “Through the same way, these agreements imposed French as the official language of the new territories and required colonies to retain the franc CFA as the national currency. Furthermore, they provided France with privileged access to its former colonies raw materials and markets. Economic cooperation agreements maintained trade preferences between France and new independent States. In return, France had to guarantee national security and provide a steady flow of aid. In other words, it had to protect its former colonies, provide them with military assistance and help them to develop through economic assistance.”

¹² “The age of Françafrique is well over”

Na África francófona, muitas empresas francesas ainda se beneficiam de posições estratégicas herdadas da colonização, formadas durante as ondas de privatizações dos anos 1990-2000 ou construídas graças às redes de influência da diplomacia francesa e conluio com líderes africanos. Elas estão, portanto, bem posicionadas nos setores agroalimentar, telefonia, serviços ou varejo, para aproveitar esse novo crescimento.¹³ (BLAMANGIN, 2019, p.630, tradução nossa)

A relação da França com a África é complexa e, ocasionalmente, gera debate, além de ser um ponto importante da política externa francesa, que é frequentemente abordado pelos seus governantes. A exemplo disso, cita-se o discurso do presidente francês Nicolas Sarkozy, em Dakar, no qual ele afirmou que “o drama da África seria o fato do homem africano não ter entrado dentro da história.”¹⁴ (BERNARD, 2008, s.p, tradução nossa), dentre outras afirmações que geraram indignação por todo o continente africano.

Atualmente, a França é governada por Emmanuel Macron que, diferentemente de Sarkozy, deu declarações simbólicas reconhecendo o que foi o passado colonial francês, como em sua visita à Argélia, ainda na campanha presidencial de 2017: “É um crime. É um crime contra a humanidade, é uma verdadeira barbárie e isso faz parte do passado que nós devemos enfrentar, apresentando também nossas desculpas aqueles contra quem cometemos esses atos”¹⁵. (VIDEO, 2017, s.p, tradução nossa)

Embora o atual presidente pareça ter um discurso mais humanista e consciente do passado francês ou pelo menos busque sinalizar isso, percebe-se ainda certa incoerência em seus posicionamentos, pois observa-se também a presença de uma visão tecnocrata, exemplificada pelo pronunciamento no encontro do G20, no mesmo ano de 2017, quando, ao falar sobre o desenvolvimento africano, afirmou que “Em um país que ainda conta com sete a oito filhos por mulher, você pode decidir gastar bilhões de euros, que não estabilizará nada.”¹⁶ (ALLEMANDOU, 2017, s.p, tradução nossa)

¹³“En Afrique francophone, de nombreuses firmes hexagonales bénéficient toujours de positions stratégiques héritées de la colonisation, constituées à l’occasion des vagues de privatisations des années 1990-2000 ou bâties grâce aux réseaux d’influence de la diplomatie française et aux connivences avec les dirigeants africains. Elles sont donc bien placées, dans les secteurs de l’agroalimentaire, de la téléphonie, des services ou de la grande distribution, pour profiter de cette nouvelle croissance.”

¹⁴ “Le drame de l’Afrique, c’est que l’homme africain n’est pas entré dans l’Histoire.”

¹⁵“C’est un crime. C’est un crime contre l’humanité, c’est une vraie barbarie et ça fait partie de ce passé que nous devons regarder en face, en présentant aussi nos excuses à l’égard de celles et ceux envers lesquels nous avons commis ces gestes.”

¹⁶“Dans un pays qui compte encore sept à huit enfants par femme, vous pouvez décider d’y dépenser des milliards d’euros, vous ne stabiliserez rien.”

3 MIGRAÇÃO E ISLAMOFOBIA NA FRANÇA

3.1 RETROSPECTO DA MIGRAÇÃO ARGELINA

A Europa, recentemente, passou por uma crise migratória, no ano de 2015 (UM MILHÃO, 2015), mas a questão da imigração e a questão dos refugiados representam uma conjuntura que se perpetua. Dentre os países europeus, a França é um dos que têm recebido ondas migratórias, principalmente das suas antigas colônias africanas. (L'ESSENTIEL, 2022)

Em meio a esse fluxo migratório, o da Argélia com certeza tem maior destaque, como afirma Muriel Cohen: “Por sua magnitude e antiguidade, a imigração argelina está entre as mais decisivas que a França conheceu”¹⁷. (COHEN, 2017, p.29, tradução nossa). Diante desse processo, esse subtópico buscará analisar a migração argelina cronologicamente, bem como as interações entre governo francês e argelino causadas pela mesma.

Em março de 2023, foi publicado um relatório intitulado “A Imigração dos Argelinos” por uma plataforma de estudos francesa intitulada de “Observatoire de l'immigration et de la démographie” (L'IMMIGRATION, 2023). Para fins desta pesquisa, será feita uma análise crítica das informações contidas neste relatório.

É importante ressaltar que anteriormente à segunda guerra mundial, existia um fluxo de argelinos que iam trabalhar na França, mas que não representavam um grande contingente populacional, principalmente comparados aos dos anos que ainda estariam por vir. Porém, entre os anos de 1946 e 1954, o número de argelinos imigrantes no país passaria de 22 mil para 210 mil e, após a Guerra da Argélia iniciada em 1954, o número chegaria a 350 mil, em 1962. (L'IMMIGRATION, 2023)

O relatório formulado pelo “Observatoire de l'immigration et de la démographie” (2003) utiliza três motivos para justificar a explosão migratória desse período: 1) a prioridade dada aos argelinos pelo governo francês com o objetivo de manter a Argélia dentro da República; 2) a necessidade de mão de obra da economia que se encontrava em forte expansão; 3) a crise econômica e social que assolava a Argélia, em razão da expansão da população na colônia com uma produção agrícola estagnada. É importante ressaltar que esse período é marcado por uma guerra de independência entre colônia e metrópole, que deixou um rastro de devastação no território africano, o que tornava as condições econômicas pouco favoráveis. (L'IMMIGRATION, 2023)

¹⁷“Par son ampleur et son ancienneté, l'immigration algérienne est parmi les plus décisives que la France ait connues.”

Após o período da Guerra da Argélia, outro marco da migração entre os dois países é o ano de 1968, em que foi assinado o “Acordo franco argelino”, tratando da circulação, emprego e permanência de argelinos e de suas famílias. Entre os principais pontos desse acordo, que diferenciavam imigrantes argelinos de outros não europeus, podem ser observados a facilitação de permanência na França e a liberdade de estabelecimento para atividades de comércio ou profissões independentes, além da facilidade na obtenção de títulos de permanência de 10 anos em comparação com cidadãos de outros estados. (L’IMMIGRATION, 2023)

A imigração argelina para a França continua até os dias atuais, e o país conta com números expressivos tanto de imigrantes quanto de seus descendentes naturais. O Relatório com levantamento do INSEE apontou que o número de imigrantes argelinos na França (nascidos no estrangeiro) é em torno de 846 mil (RÉPARTITION, 2022) (a maior população imigrante na França em 2019), e que o número de descendentes de argelinos (segunda geração) é de 1,2 milhões (ORIGINE, 2022). Ainda segundo INSEE, no ano de 2019, das 7,6 milhões de pessoas nascidas na França de pelo menos um pai imigrante, 1,2 milhões de crianças têm origem argelina. No total, o Relatório aponta no mínimo 2,6 milhões de pessoas imigrantes ou descendentes de argelinos no país. (ORIGINE, 2022)

Por fim, o Observatório para Imigração e Demografia aponta ainda alta taxa de argelinos em prisões francesas e o alto índice de desemprego (41,6% em comparação com a taxa de 14,1% da população francesa em geral), essa é uma análise rasa, sem aprofundamento no contexto socioeconômico que teria ocasionado o aferimento dos dados referidos. Em sua conclusão, o Relatório elaborado critica a atual política migratória, por favorecer a Argélia:

Sessenta anos após os acordos de Evian, a página da descolonização está virada. Além disso, o contexto econômico da França mudou radicalmente: a busca por um excedente de mão de obra francófona e barata durante o quadro de crescimento excepcional da Trinta Gloriosa, que sustentou a assinatura do acordo de 1968, não é mais atual. As circunstâncias políticas e sociais que a cercavam estão passadas.¹⁸ (L’IMMIGRATION, 2023, p.14, tradução nossa)

De acordo com o documento, “a página da colonização já estaria virada” passados os 60 anos da independência. Nesse caso, seria necessário revisar, com urgência, o acordo vigente, em decorrência da atual demografia e economia da Argélia, conforme o crescente risco de um maior excedente populacional jovem do país magrebino buscar na França melhores condições

¹⁸“Six décennies après les accords d’Evian, la page de la décolonisation est tournée. Par ailleurs, le contexte économique de la France a radicalement changé : la recherche d’un surplus de main d’œuvre francophone et « bon marché » dans le cadre de la croissance exceptionnelle des Trente Glorieuses, qui sous-tendait la signature de l’accord de 1968, n’a plus d’actualité. Les circonstances politiques et sociales qui l’entouraient sont révolues.”

de vida, podendo inclusive ser impulsionado pelo governo como forma de “aumentar o equilíbrio interno”. (L'IMMIGRATION, 2023)

3.2 ISLAMOFOBIA NO MUNDO E NA FRANÇA

O passado colonial francês e os fluxos migratórios dos territórios colonizados permitiram que a população francesa tivesse contato com diferentes culturas advindas dessas regiões e, conseqüentemente, suas religiões, mas nem sempre esse contato foi realizado de forma acolhedora e pacífica. A islamofobia pode ser observada no país desde a Idade Média, nas guerras entre europeus e árabes, além disso, o retrospecto de dominação colonial ajudou a perpetuar essa visão preconceituosa. Nos dias atuais, a islamofobia e a xenofobia são crescentes na opinião pública e entre partidos da França. Este tópico mostrará o desenvolvimento desse preconceito ao longo dos anos e como a migração argelina contribuiu para acentuar esse processo.

Para a definição de Islamofobia e as suas ocorrências em todo o planeta, esta pesquisa utilizou o relatório de 2021 do Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), “Countering Islamophobia/anti-Muslim hatred to eliminate discrimination and intolerance based on religion or belief” (NAÇÕES UNIDAS, 2021). O relatório aponta, inicialmente, para o significado de “Islamofobia” como um “termo mais usado por vítimas, acadêmicos e monitores de direito para explicar atos dirigidos de animosidade de discriminação, hostilidade e violência contra Muçumanos”¹⁹. (NAÇÕES UNIDAS, 2021, p.03, tradução nossa) Esse mesmo documento aponta as divergências em abordagens desse termo, com alguns agentes optando pelo uso de “preconceito contra Muçumanos” no lugar de “Islamofobia”, evitando relacionar questões raciais e religiosas.

Contudo, o relatório buscou balizar a sua análise de Islamofobia como “os complexos e diversos processos comunicados a ele que acomodam paradigmas excludentes, e que estão ancorados no uso de essencialização e percepções erradas do Islã para estigmatizar indivíduos e comunidades muçulmanas”²⁰. (NAÇÕES UNIDAS, 2021, p.03, tradução nossa) Ao longo do documento, são relatados diversos episódios em todo o mundo, incluindo especialmente a França, de casos de Islamofobia e das dificuldades enfrentadas pela população muçulmana por

¹⁹ “The term most used by victims, scholars and rights monitors to describe and explain the animus driving acts of discrimination, hostility and violence against Muslims is “Islamophobia.”

²⁰ “[...]the complex and diverse set of processes communicated to him that accommodate exclusionary paradigms, which are anchored in the use of essentializations and misperceptions of Islam to stigmatize Muslim individuals and communities.”

conta da sua religião. Essas violências foram sofridas tanto pela população de alguns estados quanto pelos próprios estados em si.

Entre as principais práticas disseminadas abertamente de Islamofobia reportadas, encontram-se estereótipos reforçados pela mídia, por políticos poderosos, por influenciadores da cultura popular e por acadêmicos (NAÇÕES UNIDAS, 2021). Um ponto de destaque no discurso trata de teorias da conspiração:

Teorias da conspiração baseadas em narrativas xenófobas e racistas sobre os muçulmanos são também propagadas online por grupos de extrema direita. Projetadas para influenciar posturas em relação a políticas destinadas a promover a imigração e a inclusão, ou para atribuir culpa pelos desafios enfrentados por uma sociedade, essas teorias incluem invenções de que as populações imigrantes muçulmanas vão “superar” populações nativas (essas teorias são difundidas na Europa e na América do Norte, bem como em Mianmar e Sri Lanka)[...] Notavelmente, as teorias da conspiração foram amplificadas por vários sites, blogs e organizações chamados de “contra-jihad” e “alt-news” em toda a Europa e América do Norte. Essas teorias também incitaram diretamente terroristas a cometerem atrocidades offline, inclusive na Noruega e na Nova Zelândia, onde frequentemente citavam tais conspirações como justificativas para seus atos.²¹ (NAÇÕES UNIDAS, 2021, p.6-7)

Essas teorias servem de combustível para discurso de ódio em toda a sociedade, demonstrando uma espécie de guerra cultural do Ocidente contra o Oriente. Apesar de estarem espalhadas por toda a Europa, o caso francês é mais preocupante justamente pelos seus altos índices de islamofobia, bem como pela grande quantidade de pessoas muçulmanas em seu território, uma causa direta do passado colonial do país. A população islâmica que vive ali, em maior parte argelina, enfrenta as dificuldades naturais advindas da herança colonial como o preconceito e as vulnerabilidades socioeconômicas e, atualmente, ainda é vista como uma inimiga “responsável por um grande plano de dominação cultural” dentro do país.

O relatório da Comissão de Direitos Humanos da ONU conclui sua análise ressaltando como um desafio aos Estados: a discriminação e a intolerância que emanam das ideologias da Islamofobia (NAÇÕES UNIDAS, 2021). O documento finaliza com um apanhado geral das consequências da Islamofobia:

A islamofobia infringe nos direitos à liberdade de religião ou crença e não discriminação ao influenciar políticas e práticas relacionadas à imigração,

²¹ Conspiracy theories drawing on xenophobic and racist narratives about Muslims are also propagated online by far-right groups. Designed to influence attitudes towards policies meant to promote immigration and inclusion, or to ascribe blame for challenges facing a society, such theories include fabrications that immigrant Muslim populations are going to “outbreed” native populations (these are widespread in Europe³⁶ and North America, ³⁷ as well as in Myanmar³⁸ and Sri Lanka).³⁹ In India, Hindu nationalists have pushed the “love jihad” narrative, claiming that Muslim men conspire to marry, seduce or otherwise induce Hindu women into converting to Islam.⁴⁰ Notably, conspiracy theories have been amplified by a number of so-called “counter-jihad” and “alt-news” websites, blogs and organizations across Europe and North America. These theories have also directly incited terrorists to commit atrocities offline, including in Norway ⁴¹ and New Zealand, who frequently referenced such conspiracies as justifications for their acts.

policiamento, emprego, educação e moradia, entre outros. Os obstáculos criados tanto na esfera pública quanto na privada muitas vezes tornam difícil para um muçulmano ser muçulmano.²² (NAÇÕES UNIDAS, 2021, p.21)

Como resposta ao aumento crescente do discurso de ódio direcionado ao Islã e aos seus praticantes, a ONU lançou, recentemente, no dia 10 de março de 2023, o “Dia Internacional de Combate à Islamofobia”. Na oportunidade, o atual secretário geral António Guterres destacou um Plano de Ação para Proteger Locais Religiosos. (ONU, 2023)

Em sua dissertação de mestrado “A ascensão do discurso xenófobo na França: a contribuição do partido Frente Nacional (1982-2017)”, a autora Elis Souto Novaes (2018), ao apresentar o discurso xenófobo na França, relaciona-o com o partido Frente Nacional e aponta a Islamofobia como uma vertente da xenofobia. Ainda nas próprias definições do termo, Novaes (2018) utiliza o trabalho de Lorente (2012)²³ para abordar as discrepâncias em torno dos usos da palavra Islamofobia:

Segundo Lorente (2012), há pelo menos três grandes correntes críticas que contestam a validade do uso do vocábulo. São as três principais: a razão racial, étnica e religiosa. A crítica racial coloca que o termo islamofobia surgiu das elites intelectuais e, posteriormente, foi difundido como o medo ao Islã. A crítica religiosa está pautada no fato de que alguns fiéis islâmicos se utilizam da apropriação do uso da palavra a fim de tentar impedir qualquer crítica externa, isto é, ocorre uma espécie de vitimização constante, para evitar questionamentos à religião islâmica. E, por último, a crítica étnica está relacionada com a formação de um grupo étnico, ou seja, por somente apresentar características fenotípicas e culturais árabes islâmicas, uma pessoa pode sofrer preconceito, ainda que futuramente fique identificado que ela não faz parte da comunidade muçulmana em si. (NOVAES, 2018, p.45)

Para fins deste presente trabalho, a definição da corrente étnica será utilizada, já que os preconceitos sofridos pela população árabe na França se apresentam geralmente em conjunto com outros fatores, como a xenofobia e o racismo. Ainda nas palavras de Novaes (2018, p.48), “A intolerância para com os árabes seguidores do islamismo baseia-se principalmente na imagem estereotipada do árabe muçulmano terrorista, totalmente contra os valores ocidentais e fundamentalista em suas crenças religiosas e políticas”. Ou seja, o preconceito contra pessoas islâmicas recai em todo um contexto de estereótipos da população com características específicas, mesmo que esses grupos representem visões deturpadas do Islã ou as populações marcadas pela Islamofobia não sejam sequer islâmicas, apenas racializadas.

²² Islamophobia infringes on the rights to freedom of religion or belief and nondiscrimination where it influences policies and practices related to immigration, policing, employment, education and housing, among others. The obstacles created in both the public and the private spheres often make it difficult for a Muslim to be a Muslim.

²³ LORENTE, J. R. Discrepancias em torno al uso del término islamofobia. In: GROSFUGUEL, R.; MUÑOZ, G. M. **La islamofobia a debate: La genealogía del miedo al islam y la construcción de los discursos antiislámicos**. 1ª ed. Madrid: Casa Árabe-IEAM, 2012.

Já Neil Macmaster (2003), em sua análise “Islamophobia in France and the ‘Algerian Problem’” (2003) destaca a necessidade de compreender a Islamofobia na França através do histórico do colonialismo francês, e que um preconceito anti-islâmico tem como base uma hostilidade para com os imigrantes do norte da África e argelinos, em particular.

Macmaster (2003) aponta o próprio histórico da imigração e conflitos entre a população argelina e francesa, seja em solo europeu ou africano como responsáveis por uma tendência a desentendimentos, agravados principalmente pela colonização, pela guerra de independência e pela imigração. Um ponto chave para compreender a desconfiança e hostilidade da população francesa com imigrantes argelinos passa por uma resistência à integração, como aponta MacMaster (2003):

Outro fator que ajudou a manter um alto nível de inquietação e hostilidade oficial em relação aos argelinos, acima de qualquer outra minoria imigrante, foi sua aparente resistência à integração na sociedade francesa. O que preocupava os chefes e oficiais de polícia era que os argelinos na França reconstituíam agrupamentos “tribais” em pensões e microguetos impenetráveis à vigilância.²⁴ (MACMASTER, 2003, p. 292)

Mas, apesar de todas as desconfianças levantadas sobre a população argelina e a presença de imigrantes em solo francês, essa questão não representava um tema central no debate político. Um dos pontos que teria iniciado esse processo de utilização de discursos de ódio direcionados conjuntamente a imigrantes e mulçumanos, de acordo com MacMaster (2003), teria sido que os “norte-africanos passaram a não aceitar a posição de sujeitos pós-coloniais, peregrinos temporários, que eram negados direitos iguais e plena cidadania. A construção proposital de mesquitas elaboradas [...] foi um sinal recém descoberto de comprometimento em permanecer na França, como também de crescer.”²⁵ (MACMASTER, 2003, p. 297)

O autor ainda aponta que, para alguns sociólogos, esse processo é visto como um indicador de integração à sociedade francesa, mas que isso foi visto de maneira muito diferente pela maioria dos partidos políticos e público em geral. Tal ponto reflete uma certa inconsistência ou mesmo hipocrisia por parte da população francesa e de seus atores políticos. (MACMASTER, 2003)

²⁴ Another factor that helped maintain a high level of official disquiet and hostility toward the Algerians, above that of any other immigrant minority, was their apparent resistance to integration into French society. What worried police chiefs and officials was that Algerians in France reconstituted “tribal” groupings in lodging houses and microghettoes that were impenetrable to surveillance.

²⁵ North Africans no longer accepted a position as postcolonial subjects, temporary sojourners, who could be denied equal rights and full citizenship. The construction of elaborate, purposely built mosques [...] was a sign both of a newfound commitment to stay in France as well as a growing

A não integração da população argelina imigrante que se fechava em guetos de difícil acesso era vista com desconfiança, tornando-se até motivo de hostilidade por parte da população nativa. Dessa forma, à medida que essas comunidades avançam em uma tentativa de integração à sociedade, ao tempo em que tentam manter aspectos importantes de sua própria cultura, elas passam a ser vistas como ameaçadoras pelas autoridades. Sendo assim, na tentativa de participar mais ativamente da sociedade sem perder a sua identidade cultural, estabelecendo alicerces para continuar ali, as comunidades de imigrantes argelinos acabam tornando-se periféricas.

Em meio a um passado colonial mal resolvido e à forte presença de imigrantes argelinos advindos de antigas colônias, a extrema direita francesa passa a incorporar ao seu discurso ataques a muçulmanos e árabes (MACMASTER, 2003). O principal partido político francês de direita que incorpora uma radicalização do seu discurso foi o “Front National”, cujo grande líder era Jean-Marie Le Pen. A partir de 2018, o mesmo partido adota um novo nome, ficando conhecido como “Rassemblement National”, a sua principal líder passa a ser Marine Le Pen, candidata três vezes à presidência francesa e filha do antigo líder do partido. (SOUZA, 2022)

Por fim, Neil MacMaster (2003) aponta o discurso da extrema direita como uma forma de racismo disfarçado, pois o posicionamento do partido político é o de que franceses e árabes deveriam ter o direito de preservar a sua identidade dentro da sua antiga pátria, visando, dessa forma, um *apartheid* com objetivo de repatriação da população muçulmana originária do Maghreb.

A Islamofobia está cada vez mais presente no mundo atual e começou a despertar a preocupação de autoridades como a ONU. Na França, esse preconceito encontrou terreno fértil nas raízes coloniais, bem como no próprio histórico entre esse país e a Argélia. Com a utilização desse discurso pela extrema direita, a França mergulhou em uma onda política de ataques constantes à população imigrante e aos seus descendentes muçulmanos, e apesar da direita francesa não ter chegado oficialmente ao poder, acabou moldando o cerne das discussões políticas do país, bem como das decisões políticas tomadas.

3.3 O GOVERNO EMMANUEL MACRON

No ano de 2017, Emmanuel Macron, ex-banqueiro e antigo Ministro da Economia do governo de François Hollande, venceu as eleições presidenciais francesas com o seu novo partido “Em Marcha!”, derrotando a líder de extrema direita, Marine Le Pen. Notoriamente, o tema da imigração, imigrantes e seus descendentes esteve presente no debate político, sobretudo, nos discursos da extrema direita. (BASSETS, 2017)

Pouco depois do resultado das eleições, em seu artigo intitulado “Presidência Macron e imigração: a continuidade em marcha?”, Josselin Dravigny (2017) analisa as possibilidades da política migratória para o *quinquennato* do novo presidente, dentre elas a ideia de “reduzir o número de requerentes de asilo acolhidos pelo Estado em um determinado momento, diminuindo os atrasos para essas análises, e reenviar sistematicamente para fora do território nacional aqueles que tivessem o pedido recusado”²⁶(DRAVIGNY, 2017, s.p, tradução nossa).

Outro ponto central que deveria ser abordado pelo novo governo, de acordo com Dravigny, seria a questão da integração da população que vive atualmente na França, principalmente os descendentes de imigrantes vivendo no país e o preconceito sofrido por eles. O autor aborda esse problema como central na sociedade atual:

Em um contexto em que o sentimento anti-imigração, impulsionado por movimentos populistas xenófobos, e cada vez mais forte, aparenta ser urgente favorecer a integração dos emigrados e de seus filhos, reconstruindo a convivência que faz a força da nossa República²⁷ (DRAVIGNY, 2017, s.p, tradução nossa)

Dadas as dificuldades em relação à imigração que o governo de Macron acabaria enfrentando, o resultado foi uma mudança de discurso, em uma tentativa de tirar essa pauta do plano de discussão da extrema direita. Em 2019, na iminência do início de debates sobre a questão migratória no parlamento francês, o presidente decidiu se antecipar sobre o assunto, chegando a declarar que “A burguesia não tem problema com os imigrantes porque eles não os veem. Mas a classe trabalhadora sim”²⁸ (MACRON, 2019, tradução nossa). Em matéria assinada por Valérie Hacot e Pauline Théveniaud no jornal *Le Parisien* (2019), a preocupação de Macron em relação à imigração seria uma tentativa de caça aos votos de direita e extrema direita, e em não deixar essa temática restrita a um campo ideológico, transformando o debate em nacional. O presidente estaria buscando uma alteração do discurso, já olhando para as eleições de 2022 e para o crescimento eleitoral de sua adversária de 2017, *Le Pen*.

²⁶ “réduire le nombre de demandeurs d’asile pris en charge à un moment donné par l’État en raccourcissant les délais d’examen de leur demande d’asile, et renvoyer systématiquement les déboutés du droit d’asile hors du territoire national.”

²⁷ “Dans un contexte où le sentiment anti-immigré, porté par des mouvements populistes xénophobes, est de plus en plus fort, il paraît urgent de favoriser l’intégration des immigrés et de leurs enfants, tout en reconstruisant le vivre-ensemble qui fait la force de notre République.”

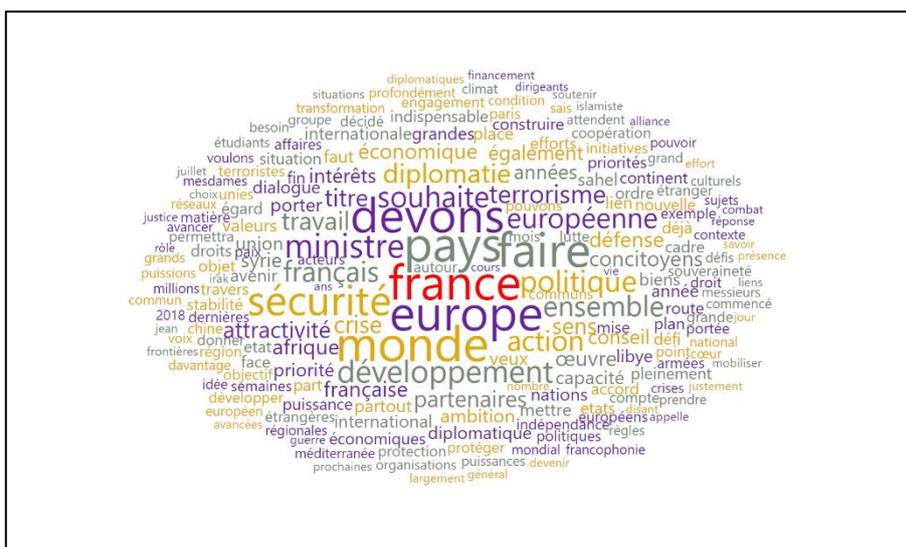
²⁸ “The bourgeoisie have no problem with migrants because they don't see them. But the working classes do.”

4 A POLÍTICA EXTERNA FRANCESA E A ARGÉLIA DURANTE O GOVERNO EMMANUEL MACRON

O governo de Emmanuel Macron (de 2017 até o presente momento) foi marcado por altos e baixos na relação entre França e Argélia, com crises diplomáticas repetidas vezes e visitas de Estado. Este capítulo buscará analisar a relação entre os dois países, principalmente, através das sinalizações do presidente francês, ele também tem como objetivo compreender de que forma o debate migratório presente na política interna francesa afeta a diplomacia dos dois países. Para realizar essa análise, foram selecionados discursos de Macron que abordassem temas relacionados à Argélia ou à política externa francesa, além de matérias jornalísticas que adotassem a respectiva relação bilateral. Vale ressaltar que o governo do atual presidente foi eleito em 2017 e reeleito em 2022 para um novo mandato até 2027, entretanto, esta análise limita-se até o ano de 2023.

Após a eleição de 2017, o novo presidente discursou, no dia 29 de agosto, em uma reunião com embaixadores sobre os desafios e prioridades da política externa francesa. Nesse pronunciamento, foi possível analisar as principais prioridades elencadas pelo mandatário naquela conjuntura. (DÉCLARATION, 2017) A nuvem de palavras abaixo ilustra esse discurso de Macron e destaca os principais temas abordados:

Figura 1- Nuvem de palavras do discurso do dia 29 de agosto de 2017



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

Entre as principais palavras da nuvem, é possível observar em evidência “França, Europa, Segurança, Terrorismo, Desenvolvimento e África”. Além dos temas que concernem à política europeia em geral, é possível destacar uma forte preocupação com o “terrorismo islâmico” no discurso, o seu combate e a segurança nacional, algo compreensível devido à conjuntura que a França enfrentava naquele momento, após uma série de atentados terroristas no país. (A CRONOLOGIA, 2016)

Outro ponto abordado com certa ênfase, trata da questão dos imigrantes vindos ao continente europeu e à França. Nesse tópico, o presidente fala da importância do humanismo em acolher os migrantes: “devemos agir sem negar nossos valores, acolher os migrantes é um dever humano, é uma questão de dignidade e lealdade a quem somos, ao que acreditamos”²⁹ (DÉCLARATION, 2017), s.p, tradução nossa). Porém, logo em seguida, ele aborda a fragilidade dos países europeus ao receberem essas ondas de imigrantes e a necessidade de medidas para contê-las.

Apesar da África ser citada 12 vezes no discurso pela sua importância para a França, além de questões envolvendo combate a redes terroristas, a Argélia em si é citada apenas duas vezes. Das duas vezes em que o país é citado, a primeira vez aborda apenas suas fronteiras e o combate ao terrorismo islâmico na região, já a segunda citação, trata do Maghreb em geral: “os países do Maghreb são obviamente nossos parceiros privilegiados, como já como quis mostrar durante a minha visita ao Marrocos e nos intercâmbios regulares com a Argélia e a Tunísia.”³⁰ (DÉCLARATION, 2017, s.p, tradução nossa) Algo que remetesse a colonização francesa foi citado apenas uma vez: “Porque é na África que está em jogo o futuro do mundo. A França não saberia ser um país pós-colonial hesitante entre um magistério enfraquecido e um arrependimento doentio, os países da África serão nossos grandes parceiros.”³¹ (DÉCLARATION, 2017, s.p, tradução nossa)

A falta de profundidade do presidente Macron sobre esses temas causa uma certa estranheza devido ao seu próprio posicionamento durante a campanha em 2017, ao declarar abertamente que a colonização era um crime e que se deveria pedir desculpa àqueles que foram vítimas. No entanto, em uma entrevista de 2017, logo após essa declaração, o presidente afirmou:

²⁹ “Nous devons agir sans renier nos valeurs, accueillir les migrants est un devoir humain, c'est une question de dignité et de fidélité à ce que nous sommes, à ce en quoi nous croyons.”

³⁰ “Les pays du Maghreb sont évidemment nos partenaires privilégiés, comme j'ai voulu le montrer lors de ma visite au Maroc et dans les échanges réguliers avec l'Algérie, comme la Tunisie.”

³¹ “Car c'est en Afrique que se joue largement l'avenir du monde. La France ne saurait être ce pays postcolonial hésitant entre un magistère politique affaibli et une repentance malsaine, les pays d'Afrique seront nos grands partenaires.”

Ao mesmo tempo, não devemos varrer todo esse passado, e não me arrependo disso porque existe uma bela fórmula que se aplica à Argélia: "A França instalou os Direitos Humanos na Argélia, simplesmente se esqueceu de lê-los. É uma bela fórmula para explicar o que é esse período, ou seja, que houve crimes terríveis, houve tortura, houve barbárie [...] mas, ao mesmo tempo, não quero que caiamos na cultura da culpa sobre a qual nada é construído, reconhecendo este crime."³² (VIDEO, 2017, s.p, tradução nossa)

É possível perceber que essa segunda declaração não condiz com o teor inicial da anterior, posto que o candidato critica a “cultura da culpa”, em que nada seria construído. Esse episódio suscita uma certa dubiedade presente no seu discurso político, bem como aponta um cálculo eleitoral que teria sido feito naquele momento, antes das eleições.

Ainda no ano de 2017, o presidente francês realizou sua primeira visita como chefe de estado à Argélia, de acordo com matéria publicada por Yacine Babouche no site TSA (2017), veículo de mídia *online* argelino, os principais pontos da visita abordaram a questão memorial entre os dois países, as relações econômicas, a luta contra o terrorismo e a circulação de pessoas entre os dois países. (BABOUCHE, 2017) Já, segundo publicação do jornal francês Figaro assinada por Thierry Oberlé (2017), Macron tinha como intuito iniciar uma nova página na relação dos dois países, revendo questões memoriais. Essa matéria também destaca o fato de Macron ser o primeiro presidente francês nascido após a guerra da Argélia, ou seja, sem possuir vivência com o conflito. (OBERLÉ, 2017)

Durante a sua visita, o presidente deu uma entrevista ao jornal independente argelino de língua francesa, “El Watan”, abordando a relação entre França e Argélia. Durante o diálogo estabelecido, Macron reiterou seus compromissos de campanha: buscar uma parceria construtiva com o país africano e reforçar os laços entre as duas nações, além de destacar o fato de pertencer a uma nova geração, conhecer a história, mas não ser refém do passado. Ao referir-se às suas ambições na relação dos dois países, pontua: “O novo relacionamento que eu quero construir com a Argélia e que proponho aos argelinos é o de uma parceria de igual a igual, construída na franqueza, reciprocidade e ambição”.³³(INTERVIEW, 2017, s.p, tradução nossa)

Ao ser questionado sobre os gestos necessários para fechar a ferida colonial, Macron disse ser de uma geração de franceses que considera os crimes da colonização incontestáveis, em sequência, afirmou:

³² “En même temps, il ne faut pas balayer tout ce passé, et je ne regrette pas cela parce qu'il y a une jolie formule qui vaut pour l'Algérie : "La France a installé les Droits de l'Homme en Algérie, simplement elle a oublié de les lire". C'est une jolie formule pour expliquer ce qu'est cette période, c'est-à-dire qu'il y a eu des crimes terribles, il y a eu de la torture, il y a eu de la barbarie (...) mais en même temps, je ne veux pas qu'on tombe, tout en reconnaissant ce crime, dans la culture de la culpabilisation sur laquelle on ne construit rien”.

³³“ Le nouveau rapport que je veux construire avec l'Algérie et que je propose aux Algériens est celui d'un partenariat d'égal à égal, construit dans la franchise, la réciprocité et l'ambition”.

Enquanto chefe de um Estado que colonizou parte da África, mas também como representante de uma geração que não conheceu esse período, eu considero que a França é depositária desse passado. No entanto, eu tenho uma convicção profunda, nossa responsabilidade não consiste em ficarmos presos nisso, nossa possibilidade não é de permanecer no passado. Ela é de conhecer essa história e construir um futuro comum e uma esperança. (INTERVIEW, 2017, s.p, tradução nossa)

Ainda na mesma entrevista, o presidente também foi perguntado se ele entendia que o Françafrique teria sido banido em definitivo da realidade, ao que ele afirmou “o Françafrique, é um mundo de outro tempo, um mundo de redes e conivências, um mundo do passado”³⁴ (INTERVIEW, 2017, s.p, tradução nossa) e destacou exigências suas as empresas francesas nas suas respectivas atuações na África.

Através da interlocução de Macron na sua entrevista, é possível analisar a sua tentativa em sinalizar um ponto de inflexão com outras administrações francesas, ao se apresentar como pertencente a uma nova geração, com novos posicionamentos, reconhecendo o óbvio: a existência da colonização e o seu triste legado para a história. No entanto, simultaneamente, busca convencer que os países devem seguir em frente, parando de trazer o passado à tona. O seu posicionamento consiste em um certo pragmatismo: reconhecer o erro do passado e seguir em frente de uma vez, considerando as relações entre França e Argélia de igual para igual.

Outra situação caricata que apontou tais posicionamentos do presidente, consistiu em um questionamento por um argelino na rua, ainda durante a visita oficial, sobre o passado colonial francês referente à Argélia, ao qual o presidente afirmou: “Temos essa história entre nós, mas eu, não sou prisioneiro dela. Mas você, você tem que idade? [...] Mas você, você não conheceu a colonização nunca. Porque vem me complicar com isso!”³⁵. (QU'EST-CE, 2017, s.p, tradução nossa)

Como ato simbólico, referente às questões memoriais, durante a primeira viagem oficial, o presidente anunciou que apoiaria a restituição de crânios de insurgentes de argelinos mortos no século XIX, conservados no Museu do Homem em Paris. (RESTITUTION, 2017) Outra questão memorial bastante simbólica, já em 2018, consistiu no reconhecimento por Macron, da responsabilidade do Estado Francês pela morte do jovem matemático Maurice Audin, militante da independência argelina, no ano de 1957. (DÉCLARATION, 2017) Pela primeira vez, um presidente do país reconheceu publicamente a utilização sistemática de tortura e execuções por militares durante a Guerra da Argélia, além de ter pedido perdão formalmente a viúva do matemático.

³⁴“La Françafrique, c'est un monde d'un autre temps, un monde de réseaux et de connivences, un monde du passé”.

³⁵“On a cette histoire entre nous, mais moi, je n'en suis pas prisonnier. Mais vous, vous avez quel âge ? [...] Mais vous, vous n'avez jamais connu la colonisation. Qu'est-ce que vous venez m'embrouiller avec ça!”

Em 2019, após uma série de protestos na Argélia contra o governo, movimento que ficou conhecido como “Hirak”, o presidente à época, Abdelaziz Bouteflika, renunciou ao cargo e novas eleições foram realizadas. Em dezembro de 2019, Abdelmadjid Tebboune foi eleito novo presidente do país africano, em uma eleição também marcada por fortes protestos e contestação, além de acusações de que o novo governante seria apenas uma continuação do regime anterior. (MATOS, 2019)

Diante desse ambiente interno turbulento, a França de Macron reconheceu a eleição do novo presidente, mas de uma forma percebida como protocolar e “seca” pela imprensa argelina. (LE NOUVEAU, 2019) Além disso, ainda reforçou a necessidade de abertura de um diálogo entre o governo e a população, referindo-se aos protestos que se espalhavam pelo país. Em tom de desgosto, Tebboune respondeu sobre a postura da França:

Sobre o presidente francês, eu não o responderei. Ele é livre para vender a propaganda que quiser no seu país, mas eu fui eleito pelo povo argelino e não conheço ninguém que esse povo. ³⁶ (LE NOUVEAU, 2019, s.p, tradução nossa)

A partir da eleição de Tebboune, é possível observar um novo relacionamento entre a França e a Argélia e, principalmente, entre os seus respectivos presidentes, período marcado por momentos de crise e de reaproximação. Mesmo diante dos acenos que o Estado francês fazia às questões memoriais dos dois países, o presidente argelino chegou a cobrar desculpas pela colonização argelina: “Nós já recebemos meias desculpas. É necessário um outro passo [...] Nós apoiamos isso.”³⁷ (COLONISATION, 2020, s.p, tradução nossa), de acordo com o chefe de estado esse pedido de desculpas formalizado permitiria “apaziguar o clima e torná-lo mais sereno para as relações econômicas, culturais e relações de vizinhança”³⁸.

A sequência do ano de 2021 é marcada por uma série de tensões e crises diplomáticas entre os dois países, principalmente, devido a uma questão que envolvia os fluxos migratórios. Em setembro de 2021, Paris anuncia uma redução drástica na emissão de vistos a países do Magreb, incluindo a Argélia, com uma redução de 50%. De acordo com Juliette Pousson, em matéria assinada no jornal *Le Parisien* (2021), a redução dos vistos seria uma punição a esses países em não aceitarem indivíduos expulsos da França, mandados de volta a seus respectivos países de origem. Outro fato importante é que o governo utilizou o ano de 2020 como referência

³⁶“Concernant le président français, je ne lui répondrai pas. Il est libre de vendre la marchandise qu’il veut dans son pays, mais moi j’ai été élu par le peuple algérien et je ne reconnais que le peuple algérien.”

³⁷“On a déjà reçu des demi-excuses. Il faut faire un autre pas (...) On le souhaite.”

³⁸“D’apaiser le climat et le rendre plus serein pour des relations économiques, pour des relations culturelles, pour des relations de voisinage”.

para reduzir os vistos, um período já marcado por uma forte redução na circulação de pessoas devido à crise causada pela COVID-19. (POUSSON, 2021)

Essa redução de vistos na Argélia gerou uma forte revolta no governo, que convocou o embaixador francês, em Argel, para protestar formalmente contra essa decisão unilateral do país europeu, causando um alto impacto na circulação de pessoas entre os dois países. (L'ALGÉRIE, 2021)

Em meio ao clima de insatisfação na diplomacia dos dois países, ocorreu outro episódio considerado crítico, principalmente do ponto de vista memorial. O presidente francês Emmanuel Macron afirmou em reunião com jovens de famílias envolvidas na Guerra da Argélia, sejam do lado argelino ou francês, que, após 1962, a Argélia seria construída por uma “renda memorial” mantida por um sistema político militar. Durante esse encontro, revelado pelo jornal Le Monde, o presidente também teria afirmado:

A construção da Argélia como nação é um fenômeno a se analisar. Existia uma nação argelina antes da colonização francesa? Isso é uma questão. Houveram colonizações anteriores. Para mim, me fascina ver a capacidade da Turquia de fazer esquecer totalmente o papel que ela teve na Argélia e da dominação que ela exerceu. E explicar que nós somos os únicos colonizadores, é genial. Os argelinos acreditam. ³⁹ (KESSOUS, 2021, s.p, tradução nossa)

Tal posicionamento reflete um pensamento destoante de toda a questão memorial abordada no seu governo e do arrependimento pela colonização, tendo em vista a tentativa de minimizar a responsabilidade francesa, ao elencar possíveis outros colonizadores para a Argélia, além de reduzir a nação argelina a uma presença francesa, o que não o diferenciaria do que pensam os antigos presidentes franceses, apesar da diferença de gerações. O resultado dessas declarações desastrosas, reveladas pelo Le Monde, foi um agravamento da crise entre os dois países e a convocação de Argel ao seu embaixador na França para consultas (L'ALGÉRIE, 2021b) e o fechamento do espaço aéreo argelino aos aviões militares franceses. (L'ALGÉRIE, 2021c)

O ano de 2022 iniciou com um estremecimento entre a diplomacia dos dois países. Macron ainda passava pelo escrutínio de uma campanha presidencial, ao fim, conseguindo se reeleger na disputa com Marine Le Pen. (MACRON, 2023b) Além disso, a política europeia

³⁹ “La construction de l’Algérie comme nation est un phénomène à regarder. Est-ce qu’il y avait une nation algérienne avant la colonisation française ? Ça, c’est la question. Il y avait de précédentes colonisations. Moi, je suis fasciné de voir la capacité qu’a la Turquie à faire totalement oublier le rôle qu’elle a joué en Algérie et la domination qu’elle a exercée. Et d’expliquer qu’on est les seuls colonisateurs, c’est génial. Les Algériens y croient.”

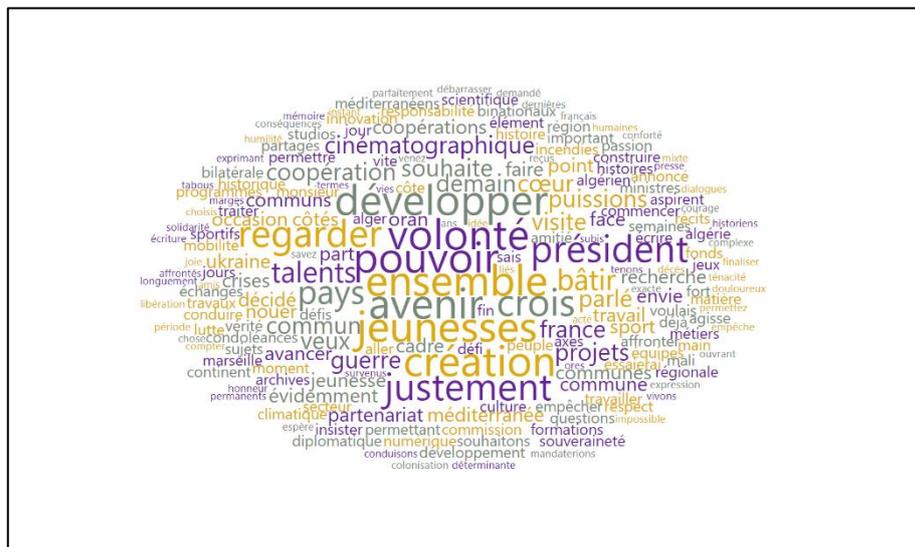
precisou lidar com uma questão urgente: a invasão da Ucrânia pela Rússia e os impactos da guerra em solo europeu, como a crise energética e o fornecimento de gás. (GUERRE, 2023)

Apesar do estremecimento diplomático, o ano de 2022 marca uma data importante na relação dos dois países: 60 anos dos acordos de Evian, que oficializou o fim da guerra de independência. No dia 19 de março, consagrado por lei como “Dia nacional da lembrança e contemplação à memória das vítimas civis e militares da guerra da Argélia e dos combates da Tunísia e Marrocos”, o presidente discursou em cerimônia no Elísio e defendeu um apaziguamento das memórias dos dois lados do mediterrâneo. (60E ANNIVERSAIRE, 2022) No entanto, um fato importante dessa ocasião acabou se destacando: o não comparecimento de qualquer autoridade argelina na cerimônia com 200 pessoas, apesar do embaixador da Argélia em Paris ter sido convidado, de acordo com a rede France 24.

A ausência de autoridades argelinas em uma cerimônia com esse peso histórico representou um indicativo claro que a crise entre os dois países permanecia. Porém, ainda em 2022, um movimento de aproximação foi iniciado entre os dois países, com uma nova visita presidencial de Macron à Argélia. (EMMANUEL, 2022)

O presidente teria como objetivo reatar os laços desgastados nos últimos meses com o governo argelino. Entre as principais discussões estariam as questões memoriais envolvendo os dois países, o aumento do fornecimento de gás pelo país africano, a resolução do problema envolvendo a concessão de vistos, além de questões envolvendo segurança regional. A nuvem de palavras a seguir ilustra o primeiro discurso do presidente na sua visita oficial, feito no dia 25 de agosto de 2022 (COMMUNIQUÉ, 2022):

Figura 2 – Nuvem de palavras do discurso do dia 25 de agosto de 2022



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

As principais palavras do discurso em francês do presidente Macron foram: juntos, futuro, juventude, poder, vontade, desenvolver, parceria, cooperação. No entanto, esse primeiro discurso não aborda um tema central na reunião dos dois países: a questão da imigração, principalmente clandestina. Esse tema é abordado no discurso do dia seguinte, de forma direta:

E então o que nós queremos, é assumir essa mobilidade escolhida e positiva de estudantes, empreendedores, dirigentes políticos, pesquisadores, atores culturais ou esportivos, sendo também mais rigoroso na luta contra a imigração clandestina pois no fundo trata-se do impensável da relação, sendo por isso que tudo acaba emperrando cada vez. [...] E então assumimos de maneira muito mais forte uma mobilidade escolhida, compartilhada, para a nossa juventude e nossos jovens em particular, sendo então mais rigorosos e cooperativos na luta contra a imigração clandestina e o desmantelamento dessas redes. Este é um dos pontos do roteiro que nossos ministros terão a responsabilidade de implementar”⁴⁰ (COMMUNIQUÉ, 2022, s.p, tradução nossa)

Esse segundo discurso no país ocorreu após as primeiras discussões com o presidente Tebboune, sendo possível perceber o intuito da França de garantir o compromisso com o combate à imigração clandestina, ao mesmo tempo em que incentiva uma “imigração escolhida” de pessoas como estudantes, empresários, pesquisadores, entre outros.

Como resultado da agenda bilateral, os dois países lançaram em conjunto a “Declaração de Alger por uma Parceria renovada entre a França e Argélia”, com a intenção de “inaugurar uma nova era nas suas relações conjuntas, jogando as bases para uma parceria renovada, desenvolvida através de uma abordagem concreta e construtiva, voltada para projetos do futuro e da juventude”⁴¹ (COMMUNIQUÉ, 2022, s.p, tradução nossa). O documento divide em seis pontos as bases para essa parceria reinaugurada: 1) diálogo político, com o melhoramento das consultas políticas através da instituição do “Alto Conselho de cooperação”, a partir de um alinhamento dos governos em busca da cooperação, incluindo seus ministérios; 2) história e memória, segundo o texto da própria parceria “as duas partes comprometem-se de garantir suporte inteligente e corajoso as problemáticas ligadas à memória, com o objetivo de conceber o futuro comum com serenidade e responder às aspirações legítimas da juventude dos dois

⁴⁰ “Et donc ce que nous voulons, c’est assumer cette mobilité choisie et positive des étudiants, des entrepreneurs, des responsables politiques, des chercheurs, des acteurs culturels ou sportifs, en étant aussi plus rigoureux dans la lutte contre l’immigration clandestine parce qu’au fond c’est ça l’impensé de la relation, et c’est pour ça que tout se grippe à chaque fois. [...] Et donc assumons de manière beaucoup plus forte une mobilité choisie, partagée, pour notre jeunesse et nos jeunes en particulier, soyons plus rigoureux et coopératifs dans la lutte contre l’immigration clandestine et le démantèlement des réseaux. C’est là aussi un des points de cette feuille de route que nos ministres auront la charge de mettre en œuvre.”

⁴¹ “inaugurer une nouvelle ère de leurs relations d’ensemble en jetant les bases d’un partenariat renouvelé, qui se décline à travers une approche concrète et constructive, tournée vers des projets d’avenir et la jeunesse.”

países”⁴² (COMMUNIQUÉ, 2022, s.p, tradução nossa); 3) dimensão humana e mobilidade, através da busca por soluções para o problema da migração ilegal e um encorajamento para a migração escolhida; 4) parceria econômica e transição energética, com uma nova dinâmica entre as relações econômicas dos dois países e incentivo às parcerias entre suas empresas; 5) cooperação educativa, científica, cultural e esportiva; 6) juventude, com uma série de projetos voltados principalmente aos jovens argelinos.

A nova parceria entre os dois países contaria então com duas importantes questões que afetaram sua relação ao longo dos últimos anos: a imigração e a memória da colonização e da guerra de independência. A França conseguiu, então, um compromisso do seu aliado no combate à imigração clandestina, além de achar um termo comum nas questões memoriais, sem precisar necessariamente pedir desculpas pela colonização.

A crise na concessão de vistos teve fim, ainda em 2022, com o anúncio de Gérald Darmanin, ministro do interior francês, de que a relação consular dos dois países estava normalizada após um encontro na Argélia com seu homólogo. (FIN DE LA CRISE, 2022) Em uma entrevista ao jornal Figaro (2022), o presidente argelino Abdelmadjid saudou a relação de confiança estabelecida pelos dois lados do Mediterrâneo, destacando sua cumplicidade com o presidente francês “Eu vejo nele a encarnação de uma nova geração que pode salvar as relações entre os nossos dois países”⁴³ (THRÉARD, 2022, s.p, tradução nossa) e a sua visão para o futuro: "A França deve se libertar do seu complexo de colonizador e a Argélia de seu complexo de colonizado”⁴⁴. (THRÉARD, 2022, s.p, tradução nossa)

Já no ano de 2023, os dois países ainda enfrentaram uma rápida crise diplomática devido à suposta atuação do corpo diplomático francês, na ida de uma ativista argelina para a França através da Tunísia, apesar dela não possuir autorização para deixar a Argélia. (LA FRANCE, 2022) No entanto, o episódio foi rapidamente superado e o presidente Tebboune teria uma visita oficial marcada a Paris para o mês de junho de 2023, continuando a agenda bilateral de cooperação e parceria iniciada em 2022. (ALGER, 2023) O país do Magreb também, recentemente, desmontou uma rede internacional de tráfico de imigrantes para a Europa, o que, de certa forma, sinalizou um alinhamento das discussões dos dois países e dos compromissos estabelecidos. (EN ALGÉRIE, 2023)

⁴²“Les deux parties entreprennent d’assurer une prise en charge intelligente et courageuse des problématiques liées à la mémoire dans l’objectif d’appréhender l’avenir commun avec sérénité et de répondre aux aspirations légitimes des jeunes des deux pays”.

⁴³ "Je vois en lui l’incarnation d’une nouvelle génération qui peut sauver les relations entre nos deux pays.”

⁴⁴ "La France doit se libérer de son complexe de colonisateur et l’Algérie de son complexe de colonisé.”

No início de 2023, foi divulgada uma entrevista de Emmanuel Macron concedida ao escritor Kamel Daoud, da revista francesa *Le Point*, em que ele falou um pouco da sua visão sobre as relações entre França e Argélia. O escritor Daoud teria convencido o presidente a conceder a entrevista durante a visita oficial ao país do Magreb, no ano de 2022, a qual teria ocorrido nos dias seguintes, mas esta só foi divulgada meses depois. (LE POINT, 2023)

Ao ser perguntado sobre a dificuldade para o presidente francês em falar sobre a Argélia e com a Argélia, Macron afirmou que “É sempre difícil. É um campo de dificuldades, se eu posso dizer. Falar sobre a Argélia é potencialmente perigoso, mas indispensável. No fundo, é difícil porque é um assunto íntimo para cada um”⁴⁵. (LE POINT, 2023, s.p, tradução nossa)

Quando perguntado sobre a necessidade de reconciliação dos dois povos, ele destacou que para o lado argelino a França ainda continua como um assunto bastante traumático, mas apontou para a necessidade de uma reconciliação e o significado que a guerra da Argélia teria hoje: “para o lado francês, a guerra da Argélia se tornou a matriz de todos os ressentimentos pós-coloniais no que diz respeito à França”⁴⁶. (LE POINT, 2023, s.p, tradução nossa) Para que seja possível uma reconciliação é necessário falar da Argélia e desses assuntos delicados “É vital para a França, para a relação bilateral, para a relação com o continente africano: acalmar as memórias diversas e contraditórias e tornar conciliável esses destinos contrários e contrariados no nosso país.”⁴⁷ (LE POINT, 2023, s.p, tradução nossa)

Ao falar sobre pedidos de desculpas vindos da Argélia, o presidente foi contundente ao expor suas razões:

O pior seria concluir: ‘Nós pedimos desculpa e cada um segue o seu caminho.’ Isso, a falsa resposta é tão violenta quanto a negação. Porque, nesse caso, não é o real reconhecimento. É o saldo de uma conta toda. O trabalho da memória e da história não é um saldo da conta toda. É bem o contrário, promover aquilo que existe de inqualificável, incompreendido, incerto pode-se dizer, de imperdoável. Eu não tenho que pedir perdão, não é esse o assunto, a palavra romperia todos os laços. Eu não peço perdão à Argélia e explico o porquê. O único perdão coletivo que pedi foram aos harkis. Pois eles tiveram a palavra da República que os traiu várias vezes. A de protegê-los, de acolhê-los. Isso, sim. Eu pedi perdão também à família de Maurice Audin e aos netos de Ali Boumendjel pois, através desses destinos singulares, uma responsabilidade, de certos governos, de um sistema e, através deles, da França, era óbvio. Um erro cada vez específico e indiscutível. Para o resto, é um caminho que deixa visível uma realidade, a que quer que a identidade seja uma narração, uma narrativa que continua. Hoje, essas narrativas ainda se encontram invertidas, infelizmente.”⁴⁸ (LE POINT, 2023, s.p, tradução nossa)

⁴⁵ “C’est toujours difficile. C’est un champ de tiraillement, si je puis dire. Prendre la parole sur l’Algérie est potentiellement périlleux mais indispensable. Au fond, c’est difficile parce que c’est un sujet intime pour chacun.”

⁴⁶ “du côté français, la guerre d’Algérie est devenue la matrice de tous les ressentiments postcoloniaux à l’égard de la France.”

⁴⁷ Il est vital pour la France, pour la relation bilatérale, pour la relation avec le continent africain. Apaiser ces mémoires diverses et contradictoires, c’est rendre conciliables ces destins contraires et contrariés dans notre pays.

⁴⁸ “Le pire serait de conclure : « On s’excuse et chacun reprend son chemin. » Là, la fausse réponse est aussi violente que le déni. Parce que, dans ce cas, ce n’est pas la vraie reconnaissance. C’est le solde de tout compte. Le

A partir dessas colocações do mandatário francês, é possível analisar os seus motivos para buscar uma reconciliação entre dois países, normalizando as relações a um patamar que não possa oferecer terreno para outras crises. Também, através de suas outras declarações, fica evidente o objetivo em resolver as questões memoriais para que os dois países possam trabalhar em conjunto em outros temas e aprimorar sua parceria, sem que velhas problemáticas, traumas ou pedidos de desculpas apareçam à mesa de negociações. A maneira escolhida para atingir esse objetivo consiste no trabalho memorial conjunto com a Argélia na história envolvendo os dois.

No entanto, na visão do presidente, a questão memorial não deve ir tão a fundo na colonização, de uma forma generalizada na conjuntura, mas se ater a casos específicos, com a liberação de arquivos que tratem desses crimes, além da sua assumpção. Portanto, a busca pela verdade e reparação não deveria cair em uma “narrativa” generalizada sobre a colonização.

Outro ponto importante da entrevista tratou da imigração, com uma pergunta sobre como encontrar o equilíbrio entre insegurança e imigração. Nesse caso, o presidente afirmou que a “França sempre foi uma terra de imigração e precisou disso”⁴⁹ (LE POINT, 2023, s.p, tradução nossa), mas que esse processo teria se acelerado nos últimos anos devido a guerras e também “a falta de oportunidades econômicas em muitos países em desenvolvimento”⁵⁰. A solução apontada pelo governante para isso seria uma “cooperação responsável com os países de origem e de trânsito”⁵¹ (LE POINT, 2023, s.p, tradução nossa), motivo pelo qual seu governo estaria aumentando a ajuda ao desenvolvimento.

Tal perspectiva remonta ao acordo firmado com a Argélia em 2022, de parceria renovada, que buscou um comprometimento do país com o combate a imigração clandestina, ao mesmo tempo apoiando a migração escolhida, como de estudantes. Além disso, contou com uma série de projetos de cooperação entre os dois países voltados aos jovens argelinos, buscando um certo desenvolvimento econômico e social do país.

travail de mémoire et d’histoire n’est pas un solde de tout compte. C’est, bien au contraire, soutenir que dedans il y a de l’inqualifiable, de l’incompris, de l’indécidable peut-être, de l’impardonnable. Je n’ai pas à demander pardon, ce n’est pas le sujet, le mot romprait tous les liens. Je ne demande pas pardon à l’Algérie et j’explique pourquoi. Le seul pardon collectif que j’ai demandé, c’est aux harkis. Parce qu’une parole avait été donnée par la République qu’elle avait trahie plusieurs fois. Celle de les protéger, de les accueillir. Là, oui. J’ai demandé pardon, aussi, à la famille de Maurice Audin et aux petits-enfants d’Ali Boumendjel car, à travers ces destins singuliers, une responsabilité, de certains gouvernements, d’un système et, à travers eux, de la France, était manifeste. Une faute chaque fois spécifique et indiscutable. Pour le reste, c’est un chemin. Qui laisse à voir une réalité, celle qui veut que l’identité soit une narration, un récit qui continue. Aujourd’hui, ces récits se regardent encore en miroir, malheureusement.”

⁴⁹ “La France a toujours été une terre d’immigration et nous en avons besoin”

⁵⁰ “Au manque d’opportunités économiques dans nombre de pays en développement”

⁵¹ “Coopération responsable avec les pays d’origine et de transit”

CONCLUSÃO

É evidente a existência de uma complexidade nas relações entre França e Argélia, bem como a influência disso para diferentes presidentes, ocasionalmente, gerando atritos e dificuldades. O governo de Emmanuel Macron não foge a essa regra e acaba sendo marcado pela tentativa do presidente de ir mais a fundo nas questões memoriais dos dois países, por meio de uma visão própria do que seria a responsabilidade francesa sobre o passado.

Essa complexidade envolvendo os dois países é fruto de um contexto tanto colonial quanto pós-colonial, com efeitos que perduram até os dias atuais. É impossível pensar a Argélia atual sem que se leve em conta a França, de outra forma, é impossível pensar o que a França é atualmente sem que se leve em conta a Argélia com seu passado colonial e as consequências de uma das mais terríveis guerras por independência de um território.

A partir da análise feita, é possível perceber que o presidente Emmanuel Macron possui uma nova abordagem com o passado colonial francês e a Argélia. Pode ser percebido um caráter pragmático do líder, ao buscar resolver um problema antigo, para que outro capítulo possa ser escrito na diplomacia, visto que as dissidências vindas da colonização francesa representavam entraves aos avanços na agenda bilateral. No entanto, a sua abordagem não consiste em um pedido de desculpas formal ao país, mas acenos eventuais a pessoas ou grupos que sofreram diretamente algum tipo de violência do Estado francês no passado.

Essa especificação das desculpas demonstra um cuidado com as vítimas, porém pode não ser suficiente para estabelecer de fato um novo período de relações diplomáticas entre França e Argélia. Apesar do momento ser propício para o diálogo dos dois países, essa aproximação pode ser desfeita facilmente com a mudança de presidentes, de ambos os lados, tendo em vista a complexidade dessa relação, bem como as divergências que ela suscita.

Um ponto importante a se ressaltar na pesquisa, trata-se da dificuldade em encontrar materiais do governo argelino, ao contrário do governo francês que disponibilizou uma grande quantidade de documentos sobre as visitas presidenciais à Argélia nos seus sites oficiais. Os sites do governo argelino contavam com pouca informação. Os discursos do presidente Abdelmadjid Tebboune, por exemplo, estavam todos em árabe e não foi identificada nenhuma referência à visita marcante de Macron a Argel em 2022. Tal fato demonstra os entraves para a realização de uma pesquisa a partir de uma perspectiva argelina, vide a necessidade de se deslocar até a Argélia para análise de documentos, provavelmente físicos, e a dificuldade imposta pelo idioma árabe, infelizmente, ainda pouco estudado por pessoas de fora da comunidade de países que o falam.

A pesquisa demonstrou que o debate sobre imigração, não apenas a argelina, e a islamofobia tem tomado o debate público do país. É importante observar a confluência dessas duas questões que, no caso do ambiente político francês, acabam sendo trazidas em conjunto devido ao entendimento de uma guerra cultural e religiosa em curso no país. Foi possível analisar esses temas, em uma perspectiva histórica, até o presente governo de Macron. A análise, no entanto, apresenta algumas limitações, por se basear em uma amostra de discursos e declarações que, se apresentam o posicionamento público do governante francês, não permitem aprofundar o processo de definição dos objetivos da política externa daquele país. Vale destacar os próprios apontamentos de Hudson (2014), no que concerne a análise individual dos líderes em política externa, pelo fato de nem sempre as falas de políticos serem verdadeiras ou então serem escritas por terceiros. Outra dificuldade certamente foi a falta de documentos oficiais da própria diplomacia e do governo da Argélia. Porém, o leque amplo de declarações e discursos principalmente de Macron, bem como o retrospecto das crises diplomáticas dos dois países e as aproximações documentadas, a partir de coberturas jornalísticas, permitiram um aprofundamento na discussão.

Por fim, a análise buscou avaliar a presença desses elementos nas relações dos dois países e como eles afetam a diplomacia. Foi constatado os efeitos das questões memoriais envolvendo o período colonial, que geraram crises entre os dois governos, mas, principalmente, um debate sobre a imigração em si, com a tentativa francesa de reduzir a entrada de imigrantes ilegais no seu país, além de incentivar uma “migração escolhida” e promover oportunidades econômicas e sociais para os jovens argelinos, posto que, na visão de Macron, o aumento na imigração na Europa estaria relacionado a baixas oportunidades econômicas dos imigrantes em seus países.

REFERÊNCIAS

60E ANNIVERSAIRE des accords d'Évian : Emmanuel Macron va poursuivre le "parcours de reconnaissance". **France 24**. 19 mar. 2022. Disponível em: <https://www.france24.com/fr/france/20220319-accords-d-%C3%A9vian-60-ans-apr%C3%A8s-la-france-comm%C3%A9more-la-fin-de-la-guerre-d-alg%C3%A9rie> Acesso em: 3 maio 2023.

A CRONOLOGIA do terror na França. Made for minds. 15 jul. 2016. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/a-cronologia-do-terror-na-fran%C3%A7a/a-19401832> Acesso em: 10 abr. 2023.

ALGER et Paris visent juin pour la visite de Tebboune en France. **Reuters**. 23 abr. 2023. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/france-algerie-idFRKBN2WK07W> Acesso em: 5 maio 2023.

ALLEMANDOU, Ségolène. Pour Macron, le développement de l'Afrique passe par la baisse de la fécondité. **France 24**. 11 jul. 2017. Disponível em: <https://www.france24.com/fr/20170711-macron-croissance-afrique-probleme-nombre-enfants-africaines-developpement> Acesso em: 11 mar. 2023.

ARGÉLIA condena palavras do Presidente Macron e chama embaixador. **RFI**. 3 out. 2021. Disponível em: <https://www.rfi.fr/pt/%C3%A1frica/20211003-arg%C3%A9lia-condena-palavras-de-presidente-macron-e-chama-embaixador> Acesso em: 15 abr. 2023.

BABOUCHE, Yacine. Visite de Macron en Algérie: les principaux dossiers. **TSA**. 6 dez. 2017. Disponível em: <https://www.tsa-algerie.com/visite-de-macron-en-algerie-les-principaux-dossiers/> Acesso em: 12 abr. 2023.

BASSETS, Marc. Emmanuel Macron vence as eleições presidenciais na França. **El país Brasil**. Paris, 8 maio 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/07/internacional/1494170800_057448.html Acesso em: 10 abr. 2023.

BERNARD, Philippe. Le faux pas africain de Sarkozy, par Philippe Bernard. **Le Monde**. 7 maio 2008. Disponível em: https://www.lemonde.fr/sarkozy-un-an-a-l-elysee/article/2007/08/23/le-faux-pas-africain-de-sarkozy-par-philippe-bernard_946870_1036775.html Acesso em: 14 mar. 2023.

BLAMANGIN, Olivier. Que reste-t-il de la Françafrique? *In: Manuel indocile de sciences sociales*. Pour des savoirs résistants. La Découverte, 2019. p. 624 - 633.

COHEN, Muriel. L'immigration algérienne post-indépendance: l'enracinement à l'épreuve de l'exclusion. **Le Mouvement Social**, n. 258, p. 29 - 48, 2017. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-le-mouvement-social-2017-1-page-29.htm> Acesso em: 13 abr. 2023.

COLONISATION: l'Algérie attend des excuses de la France. **Le Point**. 5 jul. 2020. Disponível em: https://www.lepoint.fr/monde/colonisation-l-algerie-attend-des-excuses-de-la-france-05-07-2020-2383051_24.php#11 Acesso em: 14 abr. 2023.

COMMUNIQUÉ conjoint de la Présidence de la République et de la présidence de la République algérienne démocratique et populaire, en date du 27 août 2022, sur le partenariat entre la France et l'Algérie. **Vie publique**. 27 out. 2022. Disponível em: <https://www.vie-publique.fr/discours/286254-presidence-de-la-republique-27082022-france-algerie> Acesso em: 3 maio 2023.

DÉCLARATION de M. Emmanuel Macron, Président de la République, sur les défis et priorités de la politique étrangère de la France. **Vie publique**. Paris, 29 out. 2017. Disponível em: <https://www.vie-publique.fr/discours/203547-declaration-de-m-emmanuel-macron-president-de-la-republique-sur-les-d> Acesso em: 8 abr. 2023.

DÉCLARATION du Président de la République sur la mort de Maurice Audin. **Élysée**. 13 set. 2017. Disponível em: <https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2018/09/13/declaration-du-president-de-la-republique-sur-la-mort-de-maurice-audin> Acesso em: 13 abr. 2023.

DRAVIGNY, Josselin. Présidence Macron et immigration : la continuité en marche?. **Cairn.Info**. Paris, 21 jun. 2017. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-migrations-societe-2017-2-page-3.htm> Acesso em: 9 abr. 2023.

EMMANUEL Macron se rendra en Algérie du 25 au 27 août pour relancer la relation bilatérale. **Le Parisien**. 20 ou. 2022. Disponível em: <https://www.leparisien.fr/politique/emmanuel-macron-se-rendra-en-algerie-du-25-au-27-aout-pour-relancer-la-relation-bilaterale-20-08-2022-USBC4QKOYJBH3P5BLC4JWJHHL.Y.php> Acesso em: 3 maio 2023.

EN ALGÉRIE, la police démantèle un réseau international de trafic de migrants vers l'Europe. **Le Monde Afrique**. 23 mar. 2023. Disponível em: https://www.lemonde.fr/afrique/article/2023/03/23/en-algerie-la-police-demantele-un-reseau-international-de-traffic-de-migrants-vers-l-europe_6166672_3212.html Acesso em: 5 maio 2023.

EXTREMA direita culpa crise migratória por ataques em Paris. **Made for minds**. 17 nov. 2015. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/extrema-direita-europeia-culpa-crise-migrat%C3%B3ria-por-ataques-em-paris/a-18855516> Acesso em: 8 jan. 2023.

FIN DE LA CRISE des visas entre la France et l'Algérie, qui reprennent une relation consulaire normale. **Le Monde**. 18 dez. 2022. Disponível em: https://www.lemonde.fr/societe/article/2022/12/18/fin-a-la-crise-des-visas-l-algerie-et-la-france-reprennent-une-relation-consulaire-normale_6154975_3224.html#:~:text=En%20septembre%202021%2C%20la%20France,le%20Maroc%20et%20l'Alg%C3%A9rie. Acesso em: 3 maio 2023.

FREITAS, Guilherme Silva Pires. Os efeitos da colonização nos fluxos migratórios contemporâneos da Argélia para a França. **Cadernos de África Contemporânea**. v. 4 n. 7, p.32 - 47, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cac/article/view/14353/9816> Acesso em: 12 fev. 2023.

GÈZE, François. L'héritage colonial au cœur de la politique étrangère française. *In*: BANCEL, Nicolas; LEMAIRE, Sandrine; BLANCHARD, Pascal. **La fracture coloniale**. La société française au prisme de l'héritage colonial. Paris: Editions La Découverte, 2005. p. 160 – 179.

GRANDMAISON, Olivier Le Cour. Sur la réhabilitation du passé colonial de la France *In*: BANCEL, Nicolas; LEMAIRE, Sandrine; BLANCHARD, Pascal. **La fracture coloniale**. La société française au prisme de l'héritage colonial. Paris: Editions La Découverte, 2005. p. 128 – 135.

GUERRE en Ukraine: un an d'une crise énergétique sans précédent. **RFI**. 24 fev. 2023. Disponível em: <https://www.rfi.fr/fr/europe/20230224-guerre-en-ukraine-un-an-d-une-crise-%C3%A9nerg%C3%A9tique-sans-pr%C3%A9c%C3%A9dent> Acesso em: 2 maio 2023.

HACOT, Valérie; THÉVENIAUD, Pauline. Sur l'immigration, Macron chasse à droite. **Le Parisien**. 16 set. 2019. Disponível em: <https://www.leparisien.fr/politique/sur-l-immigration-macron-chasse-a-droite-16-09-2019-8153436.php> Acesso em: 9 abr. 2023.

HOLLANDE: "Le temps de la Françafrique est révolu". **Le point**. 13 out. 2010. Disponível em: https://www.lepoint.fr/monde/hollande-le-temps-de-la-francafrique-est-revolu-12-10-2012-1516379_24.php#11 Acesso em: 23 fev. 2023.

HRBEK, Ivan. A África setentrional e o chifre da África. *In*: Mazrui, Ali A.; Wondji, Christophe. **História geral da África, VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010.

HUDSON, Valerie. **Foreign policy analysis: classic and contemporary theory**. 2d. ed. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2014.

HUNTINGTON, Samuel. **O choque das civilizações e a recomposição da nova ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

IL Y A 60 ANS, la France effectuait son premier essai nucléaire dans le désert algérien. **Franceinfo**. 7 fev. 2020. Disponível em:

https://www.francetvinfo.fr/monde/afrique/algerie/il-y-a-60-ans-la-france-effectuait-son-premier-essai-nucleaire-dans-le-desert-algerien_3816425.html Acesso em: 15 jan. 2023.

INTERVIEW de M. Emmanuel Macron, Président de la République, dans "El Watan" du 6 décembre 2017, sur les relations franco-algériennes, la lutte contre le terrorisme, la situation en Libye, la France et l'Afrique, les crises au Moyen-Orient et sur la question du Sahara occidental. **Via publique**. 6 dez. 2017. Disponível em: <https://www.vie-publique.fr/discours/204412-interview-de-m-emmanuel-macron-president-de-la-republique-dans-el-wa> Acesso em: 12 abr. 2023.

KESSOUS, Mustapha. Le dialogue inédit entre Emmanuel Macron et les « petits-enfants » de la guerre d'Algérie. **Le Monde**. 2 out. 2021. Disponível em: https://www.lemonde.fr/politique/article/2021/10/02/vous-etes-une-projection-de-la-france-emmanuel-macron-s-adresse-aux-petits-enfants-de-la-guerre-d-algerie_6096830_823448.html Acesso em: 15 abr. 2023.

KORKMAZ, Tugba. La Françafrique: The Special Relationship Between France and Its Former Colonies in Africa. **Insamer**. 2 ago. 2019. Disponível em: https://en.insamer.com/la-francafrique-the-special-relationship-between-france-and-its-former-colonies-in-africa_2307.html Acesso em: 25 fev. 2023.

L'ALGÉRIE convoque l'ambassadeur de France en réaction à la décision de réduire le nombre de visas. **Le Monde Afrique**. 29 set. 2021. Disponível em: https://www.lemonde.fr/afrique/article/2021/09/29/l-algerie-convoque-l-ambassadeur-de-france-en-reaction-a-la-decision-de-reduire-le-nombre-de-visas_6096501_3212.html#:~:text=Le%20minist%C3%A8re%20alg%C3%A9rien%20des%20affaires,alg%C3%A9riens%2C%20selon%20un%20communiqu%C3%A9%20officiel. Acesso em: 15 abr. 2023.

LA FRANCE et l'Algérie tournent la page de leur dernière crise diplomatique. **France 24**. 24 mar. 2023. Disponível em: <https://www.france24.com/fr/france/20230324-la-france-et-l-alg%C3%A9rie-tournent-la-page-de-leur-derni%C3%A8re-crise-diplomatique> Acesso em: 4 maio 2023.

L'ALGÉRIE interdit son espace aérien aux avions militaires français. **Franceinfo**. 3 out. 2021c. Disponível em: https://www.francetvinfo.fr/monde/afrique/algerie/l-algerie-interdit-son-espace-aerien-aux-avions-militaires-francais_4793599.html Acesso em: 14 abr. 2023.

L'ALGÉRIE rappelle son ambassadeur en France après des propos critiques d'Emmanuel Macron. **France 24**. 2 out. 2021b. Disponível em: <https://www.france24.com/fr/afrique/20211002-l-alg%C3%A9rie-rappelle-son-ambassadeur-en-france-pour-consultations> Acesso em: 14. Abr. 2023.

LE NOUVEAU président algérien à propos de Macron: "Je ne le lui répondrai pas".

Franceinfo. 16 dez. 2019. Disponível em:

https://www.francetvinfo.fr/monde/afrique/algerie/le-nouveau-president-algerien-a-propos-de-macron-je-ne-le-lui-repondrai-pas_3747081.html Acesso em: 14 abr. 2023.

LE POINT / Emmanuel Macron: « Je ne demande pas pardon à l'Algérie et j'explique pourquoi ». **L'Ambassade**. 20 fev. 2023. Disponível em:

<https://dz.ambafrance.org/Le-Point-Emmanuel-Macron-Je-ne-demande-pas-pardon-a-l-Algerie-et-j-explique> Acesso em: 5 maio 2023.

L'ESSENTIEL sur... les immigrés et les étrangers. **Institut national de la statistique et des études économiques - INSEE**. 10 ago. 2022. Disponível em:

[https://www.insee.fr/fr/statistiques/3633212#:~:text=En%202021%2C%2047%2C5%20%25,\(3%2C5%20%25\)](https://www.insee.fr/fr/statistiques/3633212#:~:text=En%202021%2C%2047%2C5%20%25,(3%2C5%20%25)) Acesso em: 9 abr. 2023.

L'IMMIGRATION des Algériens. **Observatoire de l'immigration et de la démographie**. 6 mar. 2023. Disponível em:

<https://observatoire-immigration.fr/limmigration-des-algeriens/> Acesso em: 11 abr. 2023.

MACMASTER, Neil. Islamophobia in France and the "Algerian Problem". In: QURESHI, Enram; SELLS, Michel A. **The New Crusades**. Constructing the Muslim Enemy. New York: Columbia University Press, 2003. p. 288 – 313.

MACRON urges government to 'face up to immigration issues'. **RFI**. 17 set. 2019. Disponível em:

<https://www.rfi.fr/en/france/20190917-france-macron-hardens-stance-immigration-ahead-2020-election-le-pen> Acesso em: 9 abr. 2023.

MACRON vows era of French interference in Africa is over. **RFI**. 2 mar. 2023. Disponível em:

<https://www.rfi.fr/en/africa/20230302-macron-vows-era-of-french-interference-in-africa-is-over> Acesso em: 14 mar. 2023.

MACRON réélu pour un second mandat. **Libération**. 27 abr. 2023b. Disponível em:

<https://www.liberation.fr/dossier/macron-campagne-presidentielle/> Acesso em: 2 maio 2023.

MATOS, João. Abdelmadjid Tebboune eleito presidente da Argélia contestado pela população. **RFI**. 13 dez. 2019. Disponível em:

<https://www.rfi.fr/pt/%C3%A1frica/20191213-abdelmadjid-tebboune-eleito-presidente-da-arg%C3%A9lia-contestado-pela-popula%C3%A7%C3%A3o> Acesso em: 13 abr. 2023.

MINISTRO francês culpa imigrantes por aumento de assaltos. **G1 Mundo (Reuters)**. Paris,

17 jan. 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/01/ministro-frances-culpa-imigrantes-por-aumento-de-assaltos.html> Acesso em: 8 jan. 2023.

NAÇÕES UNIDAS. Assembleia Geral. **Report on Countering Islamophobia/Anti-Muslim Hatred to Eliminate Discrimination and Intolerance Based on Religion or Belief**. 13 abr. 2021. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/calls-for-input/report-countering-islamophobiaanti-muslim-hatred-eliminate-discrimination-and> Acesso em: 22 abr. 2023.

NOVAES, Elis Souto. **A ascensão do discurso xenófobo na França: a contribuição do partido Frente Nacional (1982-2017)**. 2018. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais do Instituto de Humanidades e Artes da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/28284> Acesso em: 11 abr. 2023.

OBERLÉ, Thierry. À Alger, Macron veut ouvrir «une page d'avenir avec la jeunesse». **Le figaro**. 6 dez. 2017. Disponível em: <https://www.lefigaro.fr/international/2017/12/06/01003-20171206ARTFIG00199--alger-macron-veut-ouvrir-une-page-d-avenir-avec-cette-jeunesse.php> Acesso em: 12 abr. 2023.

ONU marca Dia Internacional de Combate à Islamofobia pela primeira vez. **ONU News**. 10 mar. 2023. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/03/1811137> Acesso em: 12 abr. 2023.

ORIGINE géographique des descendants d'immigrés. **Institut national de la statistique et des études économiques - INSEE**. 7 jul. 2022. Disponível em: <https://www.insee.fr/fr/statistiques/4186761> Acesso em: 8 abr. 2023.

POUSSON, Juliette. Moins de visas pour les pays du Maghreb: 5 minutes pour comprendre la décision de la France et ses conséquences. **Le Parisien**. 29 set. 2021. Disponível em: <https://www.leparisien.fr/politique/moins-de-visas-pour-les-pays-du-maghreb-5-minutes-pour-comprendre-la-decision-de-la-france-et-ses-consequences-29-09-2021-U3BGBPEHXRHD7F4R2JXLIS2C5A.php> Acesso em: 21 abr. 2023.

PROVOST, Lauren. Jean-Marie Le Pen appelle à voter Front National et déclare "Je suis Charlie Martel" après l'attentat de Charlie Hebdo. **Huffpost**. 9 jan. 2015. Disponível em: https://www.huffingtonpost.fr/actualites/article/jean-marie-le-pen-appelle-a-voter-front-national-et-declare-je-suis-charlie-martel-apres-l-attentat-de-charlie-hebdo_56350.html Acesso em: 12 abr. 2023.

QU'EST-CE que vous venez m'embrouiller avec la colonisation? Le dialogue entre Macron et un jeune Algérien. **Franceinfo**. 6 dez. 2017. Disponível em: https://www.francetvinfo.fr/politique/emmanuel-macron/video-on-a-cette-histoire-entre-nous-mais-je-n-en-suis-pas-prisonnier-declare-emmanuel-macron-a-alger_2501685.html Acesso em: 12 abr. 2023.

RÉPARTITION des immigrés par groupe de pays de naissance Données annuelles de 2006 à 2021. **Institut national de la statistique et des études économiques - INSEE**. 7 jul. 2022. Disponível em: <https://www.insee.fr/fr/statistiques/2381755> Acesso em: 8 abr. 2023.

RESTITUTION des crânes d'insurgés algériens: Macron demande un « geste » pour les harkis. **JeuneAfrique**. 7 dez. 2017. Disponível em: <https://www.jeuneafrique.com/500006/politique/restitution-des-cranes-dinsurges-algeriens-macron-demande-un-geste-pour-les-harkis/> Acesso em: 20 abr. 2023.

SIMONET, Valérie. Trop de mémoires tue le mémorial. **Libération**. Marseille, 29 set. 2007. Disponível em: https://www.liberation.fr/villes/2007/09/29/trop-de-memoires-tue-le-memorial_102808/ Acesso em: 14 jan. 2023.

SOUZA, Renata. Quem é Marine Le Pen, segunda colocada na disputa pela presidência da França. **CNN Brasil**. São Paulo, 7 abr. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/quem-e-marine-le-pen-segunda-colocada-na-disputa-pela-presidencia-da-franca/> Acesso em: 10 abr. 2023.

THRÉARD, Yves. Abdelmadjid Tebboune: «Il est urgent d'ouvrir une nouvelle ère des relations franco-algériennes». **Le Figaro**. 29 dez. 2022. Disponível em: <https://www.lefigaro.fr/international/abdelmadjid-tebboune-il-est-urgent-d-ouvrir-une-nouvelle-ere-des-relations-franco-algeriennes-20221229> Acesso em: 5 maio 2023.

UM MILHÃO de refugiados e migrantes fugiram para a Europa em 2015. **UNHCR ACNUR Brasil**. Genebra, 22 dez. 2015. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2015/12/22/um-milhao-de-refugiados-e-migrantes-fugiram-para-a-europa-em-2015/> Acesso em: 22 abr. 2023.

VIDEO. En Algérie, Macron s'excuse pour la colonisation, une «faute grave» pour la droite. **Le Parisien**. 16 fev. 2017. Disponível em: <https://www.leparisien.fr/elections/presidentielle/video-en-algerie-macron-s-excuse-pour-la-colonisation-la-droite-denonce-une-faute-grave-15-02-2017-6684201.php> Acesso em: 14. Fev. 2023.

WIEVIORKA, Michel. La République, la colonisation. Et après... *In*: BANCEL, Nicolas; LEMAIRE, Sandrine; BLANCHARD, Pascal. **La fracture coloniale**. La société française au prisme de l'héritage colonial. Paris: Editions La Découverte, 2005. p. 119 – 127.

ZOUACHE, Abdallah. Etat, heritage colonial et strategie de developpement en Algerie. **African Journals Online (AJOL)**, v.100, p.7 – 36, 2012. Disponível em: <https://www.ajol.info/index.php/cread/article/view/124919> Acesso em: 10 abr. 2023.